







AFTER EARTH
DEPOIS DA TERRA



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *After Earth – Depois da Terra / nº 209 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Peter David, baseado no argumento de Gary Whitta e M. Night Shyamalan. História de Will Smith.*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência

Título original After Earth © 2013 Peter David. Publicado originalmente nos E.U.A. por The Random House Publishing Group, 2013

TRADUÇÃO: *Rui Azeredo e Renato Carreira*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Columbia Pictures e Sony*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Caflesa, Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Junho, 2013*

ISBN: 978-989-637-525-6

DEPÓSITO LEGAL: 358582/13

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



AFTER EARTH

DEPOIS DA TERRA

Adaptado por Peter David
Baseado no argumento de
Gary Whitta e M. Night Shyamalan
História de Will Smith

Tradução de Rui Azeredo e Renato Carreira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Para o Bob e o Mike, dois dos meus
melhores amigos de sempre.*

AGRADECIMENTOS

Este livro existe graças a Will Smith e Caleb Pinkett. Gostaria também de agradecer a Gaetano Mastropasqua, Clarence Hammond e Kristy Creighton pelo valor que acrescentaram. Na Random House, o coordenador Frank Parisi e o editor Scott Shannon mostraram-se compreensivos, mesmo sob uma pressão tremenda.



PRELÚDIO

Kitai está a dormir profundamente, a sonhar com o seu futuro. É um sonho recorrente, está sempre a tê-lo. O seu sonho é simples e notoriamente consistente. No sonho, está a correr, sempre a correr, a cruzar planícies que serviram de campo de treinos aos Patrulheiros. Não se encara a si próprio como tendo uma idade superior à que efetivamente tem: oito anos. Oito a caminho de dezoito, é o que a mãe diz frequentemente. Ele não sabe ao certo o que ela quer dizer com aquilo, mas, sempre que o diz, fá-lo com um sorriso tão amplo estampado no rosto que nitidamente não pode ser insultuoso. Face a isso, não leva a mal.

No seu sonho Kitai está a correr lado a lado com outros elementos do Corpo Unificado de Patrulheiros. Não são crianças como ele, mas sim altos, fortes e crentes nas suas capacidades. E todos transportam alfanges, a arma formidável de que dependem para desempenharem a tarefa para a qual há tanto tempo se treinam. Além disso, todos são adultos.

E ele está a ultrapassá-los a todos, sem exceção.

A velocidade de Kitai é pura e simplesmente inigualável. Está a avançar tão rapidamente, tão fluidamente, que nenhum dos outros o logra acompanhar. «Mais devagar, Kitai!», «Estás a dar cabo de nós, miúdo!» Comentários deste calibre tombam frequentemente sobre ele enquanto corre, mas faz questão de os ignorar. A lentidão dos outros não é problema seu. A única coisa que lhe importa é ser o mais veloz, o melhor. Ser o melhor Patrulheiro da história dos... bem, dos grandes Patrulheiros, na verdade.

Se há algo que conhece bem, são os grandes Patrulheiros. A sua família é composta essencialmente por grandes Patrulheiros e ele está determinado em ultrapassá-los a todos, nomeadamente o general.

Kitai corre, investe, salta, pula. A dada altura, lança-se de uma ravina e plana efetivamente pelo ar, livre como um pássaro, enquanto os outros Patru-

lheiros apontam e gritam e concordam unanimemente que ele é, sem dúvida, o melhor de todos.

Algures, ao longe, escuta um queixume. Nada que lhe interesse: não passa de mais um leve ruído que funciona como uma distração menor, nada mais do que isso. Mas ele nunca se distrai. É um Patrulheiro demasiado grande e glorioso para se deixar sucumbir perante tais coisas.

De repente, Kitai acorda sobressaltado. Senta-se na sua cama, atento à sua respiração, surpreendido ao constatar que estivera a dormir. A última coisa de que se recordava era de estar deitado na cama, a ler um livro. Orgulhava-se de estar sempre alerta e pronto para tudo. O facto de ter dormitado era negativo; ser despertado por um gemido era ainda pior. Embaraçoso, na verdade. Ou seria, caso ele estivesse suficientemente desperto para se aperceber do perigo a que estava exposto.

Levou mais uns momentos a perceber do que se tratava o gemido: um alarme de ataque aéreo. Os inimigos alienígenas da colónia, os skrel, tinham atacado. No entanto, não estava a escutar quaisquer explosões. Se não estão a bombardear-nos, então o que...?

Ursas.

As criaturas já há uns anos que sobreviviam em Nova Prime. Os Patrulheiros, liderados pelo pai de Kitai, conseguiram aniquilar a maioria, mas as Ursas continuavam a ser uma ameaça real para os novanos. Um número indeterminado delas aguentou-se e atacavam a cidade sem aviso prévio nem seguindo qualquer padrão preestabelecido.

Mas, e se o alarme estivesse a soar por causa das Ursas? O pensamento deixou Kitai paralisado. Se as Ursas estivessem a ser largadas em plena humanidade, estaria tudo perdido. Tanto quanto ele sabia, as Ursas poderiam ter entrado no recinto. Poderia ser apenas uma ou uma centena. Dado que bastaria uma para matar centenas de seres humanos, isso nem parecia ter muita importância. Todas as Ursas eram, individualmente, verdadeiras máquinas assassinas. E tendo em conta que o apartamento dos Raige ficava apenas dois pisos acima do solo, o lar deles estava em plena rota de destruição das Ursas.

Kitai está em perigo iminente. Confronta-se com a realidade. Isso deixa-o nervoso.

Tem oito anos. Andavam presentemente a fazer planos para celebrar o Dia da Aterragem: o dia, há muitos séculos, em que aterraram pela primeira vez em Nova Prime, o mundo que se tornou o novo lar da humanidade. O Dia da Aterragem é a principal data festiva que se encontra no calendário de Nova Prime. É um dia preenchido com danças e festejos e pequenos presentes para as crianças.

Nos últimos tempos, o Dia da Aterragem ocupou todas as atenções de

Kitai. Apesar dos perigos que os novanos enfrentavam diariamente, nunca lhe ocorrera até então a ideia de poder não sobreviver até ao Dia da Aterragem. — Não quero perder o Dia da Aterragem — sussurra. — Não quero morrer, não quero perder o Dia da Aterragem.

Consegue ouvir, ao longe, passos em ritmo de corrida. O apartamento da sua família é um entre muitos numa zona residencial exígua e ouve vozes ao longe a orientar as pessoas para um abrigo. Os apartamentos servem perfeitamente para a vida quotidiana, mas quando os skrel ou algum dos seus agentes ameaçam os novanos, a norma é que toda a gente se mude para um abrigo. Os abrigos são estruturas extremamente reforçadas com paredes mais grossas e apenas uma entrada e saída passível de ser protegida por um pelotão de Patrulheiros armados.

Naquele preciso momento, Kitai ouve Patrulheiros a percorrer os corredores, assegurando-se de que toda a gente se dirige para o local onde é suposto estar, seja homem ou mulher.

Uma voz feminina em particular destaca-se por entre a cacofonia de gritos que lhe chega aos ouvidos. — Senshi? — grita ele, embora ache que ninguém o conseguirá escutar. A voz dele é demasiado baixa para o ruído excessivamente alto dos outros.

O prédio de apartamentos está integrado na face de elevadas escarpas. Levou anos até que os apartamentos fossem escavados na rocha; durante esse período, a humanidade habitou em abrigos improvisados no solo arenoso vermelho. Mas isso na altura não constituía um problema, pois a raça alienígena conhecida por skrel ainda não reparara na presença dos humanos em Nova Prime. Os ataques ainda não tinham começado. Assim que isso sucedeu — quando as naves investiram violentamente, disparando sobre os novanos, a tentar matá-los desde o alto —, os apartamentos na vertente da escarpa providenciaram boa parte da proteção de que os humanos necessitaram.

Centenas de anos mais tarde, tudo isso se alterara.

Quando as Ursas aterraram.

Isso já fora, é claro, séculos antes de Kitai nascer. Ele não tem muitos conhecimentos sobre o que se passou. Os anos, para ele, não significam o mesmo que para uma pessoa mais velha. Tudo o que sabe ao certo é que as pessoas em volta dele estão a tentar não entrar em pânico. Estão, isso sim, a tentar comportar-se do modo para o qual foram treinadas. Kitai também fora treinado. Porque é que não estava a fazer aquilo que era suposto?

Porque tinha oito anos, eis porquê. Essa seria uma desculpa aceitável noutra época e noutro local. Aqui e agora, não é, e Kitai tem consciência disso.

Não obstante, permanece paralisado na sua cama, como se esperasse, em algum pequeno recanto da sua mente, que fosse possível deixar-se adormecer de novo. Que, talvez, o mundo dos sonhos, o da felicidade e da superioridade,

fosse o genuíno e tudo aquilo — um mundo de medo incessante e de pânico a custo contido — um produto da ficção.

— Senshi! — chama de novo, e desta vez a voz é mais alta e intensa.

Por momentos, não há resposta e então ele escuta-a ao longe. — Kit? — chega-lhe a voz aos ouvidos.

Ele deixa descair os ombros, aliviado, sobre as almofadas no momento em que volta a chamar por ela.

Ouve-se o ruído de passos a encaminharem-se na sua direção. Pouco depois, os véus de tecido inteligente que funcionam como porta do seu quarto são afastados para o lado e ele vê a expressão de preocupação da sua irmã.

Senshi tem dezanove anos. Relativamente jovem para Patrulheira, tem subido a pulso de ferro na hierarquia. A maioria das suas responsabilidades mantém-na nas redondezas mais imediatas da cidade. Ela não tem muita experiência real no terreno. Isso para a sua mãe é excelente, mas não tanto para o pai. Já no que toca a Kitai, é fantástico.

— Kitai! — diz ela, frustrada. — Porque é que não estás lá fora no corredor? Porque é que não saíste quando era suposto?

Ele não tinha bem a certeza. O que era suposto responder? Que estava com medo?

— Deixa lá — diz ela. — Kit, temos de ir. Já.

Apesar dos potenciais perigos que os aguardavam, ele confiava plenamente na irmã. Ela tinha um ar valente no seu uniforme de Patrulheira. De repente, recorda a primeira vez que a viu com ele envergado, tão pomposa e orgulhosa. O amplo sorriso na face dela encontrara correspondência na face do pai, que, na verdade, não era muito dado a sorrisos. Senshi agarra o seu alfange, pronta a investir sobre o que quer que a ameace.

— Já! — insiste ela, com um tom de voz mais alto e veemente.

A cama não passa de um leito de rede suspenso no quarto, que estava cheio de roupas e brinquedos. Quando tenta sair de lá, o pé de Kitai prende-se nas cordas. Em vez de trepar para fora da cama, cai para a frente e aterra pesadamente no chão, enroscando-se na cama de rede.

— Oh, por amor de Deus — murmura ela por entre dentes no instante em que se aproxima do irmão para o desembaraçar.

É nessa altura que um guincho forte e assustador rasga o ar.

Kitai fica tolhido de medo. Não o faz conscientemente. O guincho é um ruído inumano que o deixa completamente paralisado.

Senshi gira abruptamente a cabeça na direção do guincho. As lâminas do alfange — um grande bastão metálico com ornamentações gravadas — aparecem de súbito em ambas as extremidades.

— Aquilo é...? — logra Kitai questionar num sussurro estrangulado.

Senshi assente com a cabeça. Algo mudou na aparência dela, na sua pos-

tura. Está em pleno modo de missão, cem por cento profissional. É como se até então tivesse estado apenas a fazer de conta que era Patrulheira.

— Apanharam-nos de surpresa — indica a Kitai. — Continuam a invadir a cidade sem um padrão definido... — Ela avança rapidamente e investe com o alfange na direção dele.

Kitai solta um grito de espanto e então o alfange corta as cordas da cama dele. Rompe de imediato as junções e ele desaba no chão. Kitai trata logo de se desembaraçar do que resta das cordas. Ao fazê-lo, Senshi pergunta-lhe bruscamente:

— Não tens medo, pois não?

— Não — responde Kitai. Ouve-se então outro uivo estridente de fúria de um animal e ele dá um salto enorme. — Sim — admite, sentindo-se envergonhado mas incitado pela sua já conhecida propensão para dizer a verdade.

A segunda fonte de uivos é bem mais audível, o que quer dizer que está mais próxima do que a anterior. Senshi rodopia e olha para trás e Kitai não consegue ver a expressão no rosto dela. Por alguma razão, sente-se grato por isso. Suspeita que não teria apreciado a expressão dela.

— Kit — diz ela baixinho —, enfia-te debaixo da cama.

Não havia muita cama por onde se pudesse enfiar debaixo, mas é suficiente. Kitai precipita-se para debaixo da cama de rede decepada e retorcida, já incapaz de o sustentar mas ainda boa para o ocultar. Tendo-a puxado completamente sobre a cabeça, Kitai recua então para o canto. Comprimindo-se até formar uma espécie de pequena esfera, tem a certeza que ali debaixo ninguém nem nenhuma coisa o poderá avistar.

— Senshi, despacha-te — apressa-o. A melhor forma de reagirem à ameaça, no entender dele, não teria nada de complicado. Bastaria esconderem-se juntos e esperarem que surgisse alguém para lidar com a Ursa. Para ele, é a forma mais razoável de lidar com a presente situação.

Por isso, é com espanto que observa Senshi ainda a olhar em volta pelo quarto. Os olhos dela observam atentamente toda a área e fixam-se numa caixa retangular de vidro com plantas no interior. É o jardim dele, ou pelo menos o mais próximo que conseguiu parecido com um jardim.

Rapidamente, Senshi bate com o punho num botão da ponta. A tampa abre-se obedientemente. Senshi dá uma volta com o alfange e coloca-o habilmente nas costas com o seu suporte magnético. A seguir, começa rapidamente a retirar as plantas da caixa. Espalha-as pelo chão, atirando terra por todo o lado.

Kitai observa aquilo, baralhado. Não imagina o que estará ela a fazer. Descobre pouco depois, contudo, quando Senshi pousa a caixa de vidro ao seu lado e a faz deslizar na direção dele pelo chão. — Entra para aqui, está bem?

— Mas... porquê? — Ele obedece, apesar das dúvidas e reticências.

— Para que ela não te sinta o cheiro. Depressa!

Ele trepa e depois puxa as pernas para o interior, libertando-se do que resta da cama suspensa. Assim que fica completamente no interior, a irmã entrega-lhe o controlo remoto. — Agarra isto.

— Mas que faço com ele? — questiona ele.

— Vais usá-lo quando te disser. Ou quando um Patrulheiro te disser. Enquanto isso não acontecer, não saias daí. Aconteça o que acontecer. É uma ordem — acrescenta ela com firmeza, pois tem a noção de que essas serão as palavras a que Kitai obedecerá.

A seguir, pega-lhe no rosto. Os belos olhos dela estão carregados de emoções e tremendamente sérios. — Ouviste bem o que eu disse, maninho?

— Sim. Sen...

Ele não logrou concluir a frase, pois ouve-se um novo rugido poderoso, desta feita muito mais próximo.

Kitai começa a pronunciar de novo o nome dela, mas Senshi não espera para o escutar. Toca no controlo remoto nas mãos de Kitai e depois retira rapidamente as suas, conforme a caixa se fecha. Ele está agora completamente encerrado enquanto Senshi recua, sacando o alfange das costas.

Trata-se de uma arma C-20. Ele sabe-o porque ela se vangloriou disso quando a levou pela primeira vez para casa. Movia-se tão rapidamente na mão dela que ele nem conseguia ver as lâminas. A mãe dela ficara impressionada. O pai dela destacara as coisas que ela estava a fazer de errado e passara uma hora ou duas com ela a rever todos os seus erros. Ela aceitou as correções sem fazer comentários ou sem demonstrar insatisfação. Era assim a sua maneira de ser.

Assim que tem o alfange na mão, Senshi introduz um padrão no manípulo da arma. Esta reage de imediato com milhares de fibras tipo aço a expandirem-se de ambos os lados. Compõe as pontas em forma de lâmina que ela pode utilizar para penetrar profundamente na pele da Ursa e diretamente no seu coração.

O alfange tem agora dois metros de extensão e está a postos para ser utilizado. Kitai observa e fica reconfortado ao ver aquilo. Sabe que assim que a irmã estiver a brandir a arma, nada a poderá deter. Ela é uma Patrulheira. Fora treinada precisamente para lidar com aquele tipo de situação.

Ele apercebe-se então de uma sombra no quarto anexo. É o quarto que a mãe usa para diversos projetos de trabalhos manuais. O seu quarto de descontração, tal como ela lhe chama. Em tempos fora o quarto de Senshi, mas já não é o caso desde que ela se tornara uma Patrulheira e passara a residir nas casernas dos Patrulheiros. Por isso, o quarto fora remodelado.

Agora, no entanto, conforme a sombra atravessa o quarto, este torna-se um lugar perigoso.

Senshi deteta a sombra, mas não dá grande importância ao facto. Não grita nem sequer diz algo. Simplesmente remexe no alfange que tem na mão para ficar em modo de ataque.

A seguir, olha uma última vez para Kitai. Confiante, acena com a cabeça e com um gesto indica-lhe para que se mantenha abaixado, pois tudo irá correr bem.

Senshi dirige-se ao quarto anexo, girando o alfange na mão como se desenhasse um oito. Ao fazê-lo, fala em voz baixa, num tom brusco, dirigindo-se, apercebe-se Kitai, a outros Patrulheiros. Apressa-os, indicando-lhes que está prestes a debater-se com o inimigo e que, mal cheguem, o melhor será estarem todos a postos para entrar em ação.

É então que Kitai vê a criatura a entrar no quarto anexo.

Não consegue vê-la muito bem. Quando tenta vê-la melhor, constata que é enorme e que avança lentamente sobre as suas seis patas. Pelo menos, são essas as que consegue contar no escuro. Está a rosar num tom grave no fundo da garganta, pronta a atacar.

Senshi ainda está a manusear o alfange para cima e para baixo, para trás e para a frente. Gira-o tão velozmente que Kitai só a custo o vê e por isso está certo de que a Ursa sofre do mesmo problema.

É então que, de repente, Senshi se lança sobre ela. Tenta um ataque súbito, para a afastar do quarto, do apartamento.

A Ursa, pelo menos tanto quanto Kitai consegue perceber, não se deixa ludibriar pela manobra. Em vez de a atacar, recua uns metros. Um golpe súbito de um dos seus membros desfaz parte da mobília.

Senshi dá uns passos para o lado, para que os móveis não lhe acertem. Em simultâneo, a Ursa tenta atirar-se a ela. Senshi roda e apunhala. A criatura afasta a ponta da arma para o lado, mas não consegue arrancá-la das mãos.

Aquilo dura uns longos e penosos segundos, o toma lá dá cá, os golpes e as estocadas. A Ursa recolhe as suas poderosas patas traseiras e salta na direção dela — e Senshi baixa-se, erguendo o alfange num movimento destinado a empalar certamente a criatura.

Mas não é o que acontece.

Em vez disso, a fera pousa sem ser atingida pelo alfange. É algo de que Senshi não estava à espera, pelo que tenta posicionar de novo o alfange para poder rasgar o corpo da Ursa.

Se ela foi demasiado lenta ou a criatura demasiado rápida, é algo que Kitai nunca saberá ao certo. Tudo o que sabe é que a Ursa ataca violentamente com os seus membros com garras, atirando-se à sua irmã. As suas garras atingem o ombro direito dela e ela grita de dor, tropeçando para trás, para longe do alcance da criatura.

Ou, pelo menos, é essa a sua intenção. O seu recuo é demasiado lento e os seus movimentos nitidamente comprometidos pela dor.

Kitai ainda não consegue ver o monstro com nitidez, escondido como está atrás do pano que divide os quartos. Mas consegue ouvir. Oh, meu Deus, e aquilo que ouve. Consegue ouvir quando Senshi tenta atacar com o alfange e consegue ouvir quando o alfange é atingido por uma pata dianteira, tombando ruidosamente no chão. Logra vislumbrar a sombra de Senshi quando ela tenta avançar para a arma e escuta o uivo triunfante da Ursa ao intercetá-la.

Ataca violentamente com outra garra e o som de carne, a carne da sua irmã, a ser rasgada do corpo é tão profundo e intenso que a Kitai só lhe apetece gritar de terror. E escuta o grito agudo de dor de Senshi. Kitai consegue ver fugazmente uma imagem dela a deitar a mão ao tronco, onde quer que a Ursa a tenha atingido. E então, de repente, assim sem mais nem menos, ela cai e Kitai compreende que a Ursa a derrubou.

A Ursa precipita-se para a frente e solta um rugido ensurdecido que se mistura com o grito aterrorizado de Senshi.

Ao longe, Kitai ouve passadas apressadas, os gritos de Patrulheiros. Diz a si próprio que vão chegar a tempo, que vão salvar Senshi. Vai ficar tudo bem e daqui a uns anos rir-se-ão da altura em que Senshi quase morreu a defrontar uma Ursa para defender o seu irmão mais novo.

É nesse momento que dá vontade a Kitai de saltar do seu esconderijo para ir fazer frente à Ursa. Ouvira o alfange de Senshi a cair e constata que não está assim muito longe. Tudo o que tem a fazer é sair do seu esconderijo e deitar-lhe a mão, para ele próprio poder atacar a Ursa. Tem a certeza absoluta que consegue derrotar a Ursa. Pode atacar, investir com o alfange, e atingir o monstro, apanhando-o desprevenido.

Pode fazê-lo. Pode apanhar a criatura. Pode derrotá-la. Tem a certeza absoluta disso.

Mas nada faz. Fica paralisado no seu esconderijo e lágrimas abrasadoras escorrem-lhe pela face. Kitai não consegue mexer-se. Está aterrorizado.

Ouve-se então um derradeiro ruído de esmagamento e ele escuta Senshi. Não parece nada uma Patrulheira. Parece apenas uma rapariga aterrorizada e uma única palavra escapa-se-lhe dos lábios.

— Pai — diz ela baixinho.

E não é por ele entrar para a salvar.

Kitai sabe que o pai não está por perto, nem nada que se pareça, está numa «missão», seja lá o que isso quer dizer. Talvez Senshi esteja a dizer «Pai» por estar a vê-lo na sua mente, ou talvez esteja a desculpar-se por, de alguma forma, o ter desiludido. Ou talvez esteja apenas assustada.

Ouve-se então algo mais a ser esmagado e um último arquejo da parte de Senshi e, num abrir e fechar de olhos, ela morre e Kitai fica sozinho no mundo.

A Ursa pega no corpo inerte de Senshi com os seus dentes e ergue-o à altura da janela mais próxima. A forma retalhada de Senshi é colocada à vista e Kitai consegue ouvir os novanos a gritar ao longe.

Os novanos estão com tanto medo quanto Kitai, talvez ainda mais. Kitai consegue ouvir as suas passadas ao correrem, consegue ouvir a rosnadela trocista da Ursa triunfante. E então larga o corpo de Senshi mesmo à frente dos olhos de Kitai.

O corpo de Senshi jaz no chão, com o rosto virado para Kitai. Ele vê-a a fitá-lo naquilo que lhe parece um olhar acusatório e tem vontade de virar a cara. Mas só consegue ficar a olhar, com os olhos arregalados e aterrorizado durante o que lhe parece uma eternidade. Por fim, consegue desviar o olhar, mas ainda assim sente como se, de algum modo, a estivesse a abandonar.

A Ursa salta do quarto para ir procurar outra presa. Kitai fica ali dentro da caixa, já sem olhar para Senshi mas, sim, profundamente, para a parede estreita que constitui o abrigo improvisado em que Senshi o enfiou.

Decorre cerca de uma hora até que os Patrulheiros o encontrem. Não é culpa de ninguém em particular, a não ser talvez de Senshi, por lhe ter dito para ali permanecer até aparecer um Patrulheiro. E isso não sucedeu enquanto os Patrulheiros que chegaram não fizeram tudo o que podiam para tentar reanimar Senshi. Só então lhes ocorreu que poderia haver mais alguém no apartamento que tivesse sobrevivido.

Até lá, Kitai permanecera ali em silêncio e imóvel, com as lágrimas a secarem-se no rosto.

Só quando os braços da mãe de Kitai o envolvem em segurança é que começa por fim a chorar. Repete constantemente a mesma coisa. — Desculpa. Desculpa. — Culpa-se a si próprio pelo sucedido, mas, por muito que o repita, a mãe recusa-se a aceitar tais desculpas — porque está certa de que, nesta noite, poderia muito bem ter perdido os seus dois filhos.

Estranhamente, saber disso não serviu de nada para melhorar o estado de espírito de Kitai.



1000 D.T.

CAMPO DE TREINOS DO CORPO UNIFICADO DE PATRULHEIROS

I

O alarme despertou abruptamente Kitai. Sentou-se, ofegante. Tinha estado a sonhar, mas não se recordava do sonho. Tinha uma vaga ideia de que teria algo a ver com a sua irmã, mas não estava certo quanto a isso.

Provavelmente, tinha a ver com ela. Era assim com a maioria dos seus pesadelos.

Kitai deixou-se cair pesadamente na cama e ficou ali deitado apesar do uivo do despertador. Decorreu um longo momento enquanto este continuou a gritar-lhe. Finalmente, esticou o braço e bateu-lhe, com força. O grito do despertado por fim cessou, permitindo-lhe mais uns momentos na cama. Outro, poderia ter-se sentido tentado a rebolar para o lado e retomar o sono, mas esse não era o caso de Kitai Raige. Tudo o que ele necessitava era sacudir-se para despertar por completo; depois disso estaria pronto para a ação.

Kitai finalmente sentou-se, esfregando a cara para despertar. Conseguiu por fim deitar uma espreitadela ao exterior para começar a ter noção de como iria ser o dia. Afinal, aquele era o *seu* dia e precisava de ter uma ideia de como iria estar o tempo. Naturalmente, seria indiferente um céu azul cristalino ou uma chuva torrencial. Hoje era o dia, e se ia ter de fazer as suas coisas em terreno encharcado, bem, assim teria de ser.

Não quer dizer que fosse esse o seu desejo, no entanto, e, quando olhou para o exterior e viu que o dia prometia ser decente, agradeceu silenciosamente às forças superiores. Não tinha a certeza absoluta, pois ainda estava escuro lá fora, mas pelo que lhe era dado ver, parecia-lhe bastante promissor.

Por um breve momento, permitiu-se deixar-se levar de novo pelo seu sonho. As suas recordações eram no mínimo vagas, mas tinha quase a cer-

teza que estivera a sonhar com aquele dia horrível há cinco anos quando se escondeu do perigo enquanto a sua adorada irmã era despedaçada.

A lembrança de o ter feito — de ter libertado a culpa profunda que não deixava de o atormentar — era uma das coisas mais difíceis com que tinha de lidar na vida. E, além disso, sonhava com o ocorrido com uma frequência quase doentia. Dava o seu melhor para se libertar de todas essas recordações, mas, ainda assim, isso parecia nunca ter um efeito duradouro.

Às vezes, brincava com a ideia de consultar um psiquiatra, mas, sempre que pensava seriamente no assunto, acabava por pôr o pensamento de lado. Não iria cair bem ao seu pai. Elementos da família Raige pura e simplesmente não lidavam com pessoas cujo trabalho era remexer na mente humana.

— És quem és — dissera-lhe o pai quando Kitai muito subtilmente (pelo menos assim o achou) levantou pela primeira vez a questão dos psiquiatras — e vives com o que tens. — Fora exatamente isso que lhe dissera.

Kitai, com os seus treze anos, rebolou para fora da cama e espreguiçou-se. Despertar não era uma coisa que ele fizesse de modo igual aos outros. Havia um procedimento a seguir. Primeiro, vinha uma série de exercícios de alongamentos isométricos. Depois, saltava para o chão e fazia uma centena de flexões, após o que se seguiam cem saltos, muito rápidos, em que abria em simultâneo braços e pernas. Atravessava então o quarto até uma barra que instalara quando tinha onze anos e fazia tantas elevações quantas era capaz: vinte, naquela manhã.

Nada mau. Não fora fantástico. Talvez estivesse apenas a guardar-se para o tempo que iria passar lá fora no campo durante a manhã.

Sim, isso fazia imenso sentido. Sabia que estava a preparar-se para uma manhã bastante importante. O seu pai iria estar em casa à noite, ansiosamente à espera das notícias que todos queriam ouvir. Cabia a Kitai assegurar-se de que as novidades seriam boas.

— Kitai! — Era a voz da sua mãe, Faia, a chamá-lo desde o piso inferior. — Já estás a pé?

— Sim. E tu, porque é que também estás?

— Fiz-te o pequeno-almoço. Achei que te faria bem, hoje de manhã.

Ele ficou surpreendido com a disponibilidade dela. Passava imensas horas na fábrica de turbinas e as manhãs eram a única altura em que dispunha de tempo para pôr o sono em dia. Por norma, não acordava antes de Kitai sair de casa; o facto de se ter levantado naquela manhã foi muito atencioso da parte dela.

— Ok, desço daqui a uns minutos. — Só depois é que ele percebeu que poderia querer dizer algo do tipo «Obrigado». Mas entendeu que isso daria

ar de fraqueza e indecisão e, portanto, limitou-se a assentir com a cabeça para se lembrar de agradecer depois de descer as escadas.

Naquela manhã, tomou um verdadeiro duche. Nos últimos tempos, tinha havido racionamento de água e, embora ainda não tivessem atingido o nível de seca, as pessoas eram conscienciosas no seu consumo. Uma das consequências era notar-se um pouco de cheiro nas pessoas, mas nada de especial. Assim que se optasse por ignorar os odores corporais dos outros, as pessoas acabavam, de uma maneira ou de outra, por se habituarem. No entanto, no meio de todas as correrias em que iria estar envolvido durante o dia, não seria nada má ideia refrescar-se bem logo pela manhã.

Enquanto tomou banho, aproveitou para verificar o seu corpo. Era alto e magro, e tinha quase a altura do pai. Era de pele escura e tinha a cabeça triangular, com o cabelo cortado curto respeitando as normas dos Patrulheiros, ou seja, quase completamente rapado. Fletiu os bíceps enquanto a água lhe deslizava pelo corpo. Os músculos eram sólidos e compactos. Fez uns quantos movimentos de aeróbica sob o chuveiro e depois executou uma sequência de autodefesa antes de se dar por satisfeito.

Uns minutos depois secou-se com a toalha e vestiu o uniforme de cadete Patrulheiro em dois tons de cinzento e branco. Faltavam-lhe os apliques decorativos comuns no uniforme integral de Patrulheiro, o que fazia todo o sentido. Como é que alguém poderia esforçar-se por ser um verdadeiro Patrulheiro caso já tivesse todo o equipamento?

Desceu as escadas a correr e verificou que Faia lhe preparara dois ovos mexidos, mais um sortido de frutas locais. A mãe sorriu quando o viu a descer as escadas. Ela ainda trazia vestida a camisa de noite, com um roupão por cima. Tanto quanto Kitai percebeu, iria regressar à cama depois de ele sair, para mais uma horita de sono.

— Achei que ias apreciar isto, para não ser sempre igual — disse ela com um sorriso. — Fica a um nível superior das barras de proteínas, parece-me. — Era bem verdade. Por norma, ele deitava a mão a uma única barra para o pequeno-almoço e saía a correr para as suas atividades do dia. Aquilo era algo invulgar.

— Obrigado — disse ele. — Por te levatares e preparares isto. Ah... obrigado.

— Podes parar com os agradecimentos, Kitai. Não é preciso.

Ele assentiu com a cabeça e começou a cortar os ovos. Estavam bastante bons. Era possível sentir sabor a queijo misturado com os ovos; ela sem dúvida colocara lá algum. — Estão bons — comentou, depois de os ingerir rapidamente. — Muito bons.

— Ótimo. — A mãe sentou-se à frente dele, com os dedos entrelaçados.

dos. Ela estava a sorrir-lhe, mas havia algo naquele sorriso que pareceu... ausente. Era isso. Faltava... algo.

— O que é que se passa? — quis ele saber.

— Hmmm?

— Há alguma coisa que não está bem. — Ele não abrandou o ritmo com que estava a comer. Pedacos de ovo estavam a cair-lhe pelos cantos da boca.

— Nada. Não se passa nada.

— Alguma coisa é — insistiu ele. Pousou os talheres e olhou para ela com um ar preocupado. — O que é que se passa?

Ela hesitou, após o que encolheu os ombros. — Só quero que hoje dêes o teu melhor. Sei que é importante, e isso tudo. Por isso... tu sabes... dá o teu melhor. É só com isso que te deves preocupar.

— Não estou preocupado — garantiu Kitai.

— Querido, sou tua mãe. — Ela estendeu o braço e colocou uma mão sobre a dele. — Podes admitir...

— Não há nada para admitir. Vou em frente com isto. Vou lá para fora para o campo para terminar em primeiro em todas as provas, e, quando te vir logo à noite, já serei um Patrulheiro. E é isso. — Ele hesitou e olhou para ela circunspectamente. — Isso para ti não é problemático, pois não?

— O quê? Não! Não, claro que não. — Ela riu levemente. — Porque é que achas isso?

Porque tens medo que eu fique igualzinho ao meu pai.

— Por nada — disse ele. — Por nada, mesmo.

— Bem, isso é bom. Só quero que dêes o teu melhor.


— Não há problema — assegurou Kitai, confiante. — E vou deixar-te orgulhosa.

A mão dela permanecia agarrada à dele. Ela apertou-a ligeiramente e, com um sorriso, disse:

— Eu já tenho orgulho em ti.

Era suposto serem palavras de conforto. Em vez disso, por alguma razão que ele não entendeu, deixaram-no nervoso.

II

 Os sóis incidiram com inclemência sobre os trinta e dois cadetes dos Patrulheiros — vinte rapazes e doze raparigas — que pisavam o solo

do campo onde o futuro deles iria ser determinado. O solo era vermelho e rochoso, com picos que pareciam esticar-se tão alto que seriam capazes de arranhar os céus.

Kitai estava algures no meio da multidão e o seu posicionamento ajudava a ultrapassar algumas das desvantagens que tinha de enfrentar apenas por causa da sua condição física. Logo para começar, apesar da robustez do seu corpo, era pelo menos uma cabeça mais baixo do que a maioria dos outros candidatos.

Em consequência disso, conforme o grupo avançava pelo terreno irregular, tinha de dar dois passos para se manter a par de um único passo dos restantes. Treinara-se para manter um ritmo estável de inspiração e expiração, mas sem dúvida que não era fácil. Era suposto manter uma passada consistente, mas em vez disso estava praticamente a correr para se manter a par deles.

Passava um enorme rio por entre a imponente cordilheira vermelha. Ambos os sóis estavam bem alto no céu, incidindo implacavelmente sobre a superfície do planeta. Kitai lembrou-se de ter lido uns antigos textos científicos da Terra — dos tempos em que *havia* uma Terra — que garantiam que não poderia haver planetas com vida em sistemas solares com dois sóis, que os planetas lá existentes seriam esmagados no meio das fontes de gravidade dos sóis concorrentes. Pensou no que teriam dito tais cientistas, mortos há um milhar de anos, em relação a Nova Prime.

Não permitas que a tua mente se disperse. Presta atenção ao que se passa à tua volta.

Kitai patinhou no rio, espalhando água por todo o lado, tal como os outros, aliás. No entanto, o rio também o ajudou no seu posicionamento no meio do grupo. Outros abrandaram o ritmo por um motivo qualquer e Kitai logrou aproveitar essa oportunidade para acelerar, se não para a liderança, pelo menos para consideravelmente mais perto do que estava antes. Quando pôs os pés em terra firme na outra margem, na verdade conseguiu subir umas posições, de tal forma que só um par de competidores estava agora à frente dele.

Mas ele sabia que um par não era suficiente. Quando chegassem ao fim do carreiro, teria de seguir na dianteira. Era uma tradição da família Raige. Nem segundo, nem terceiro — só serviria ser primeiro.

O trajeto da corrida levou-os a passar por um viveiro de plantas. Tratava-se de uma enorme estrutura a céu aberto que protegia as plantações do clima. Permitia a presença de humidade nas plantas mas protegia-as de algumas das maiores ameaças climáticas. As instalações pareciam estender-se até ao infinito, embora ele soubesse que eram apenas umas centenas de hectares.

Kitai sentiu as suas forças a recobrar e debateu-se para imprimir um ritmo mais elevado. Viu que Bo liderava o grupo e tratou de correr ainda mais depressa, apesar de Bo ter a constituição de uma árvore robusta. Bo tinha dezasseis anos e era melhor do que Kitai em todos os aspetos: era maior, mais esperto e mais rápido. Mas estava também a respirar de um modo mais irregular. Obviamente, a tensão da corrida estava a desgastá-lo, e isso, no que tocava a Kitai, era espetacular.

À frente deles, surgiu de repente uma descida abrupta no terreno. Bo desviou-se para a esquerda para a evitar, o que proporcionou a Kitai a oportunidade de que necessitava. Em vez de contornar o desnível no terreno, acelerou ainda mais e saltou por cima do mesmo. O truque residia em assentar bem os pés no chão ao pousar e isso era algo que Kitai poderia fazer com estilo. Atingiu o terreno desnivelado à frente, vacilou apenas um pouco, e depois seguiu o seu caminho. Bastou um salto e, num abrir e fechar de olhos, já estava na liderança.

Bo, agora atrás dele, chamou-o:

— Cadete, isto não é uma corrida!

Kitai não quis saber do que Bo tinha para lhe dizer sobre o assunto. Não fora uma corrida até Bo estar atrás dele. E, agora que Kitai se apoderara da dianteira, não tinha a menor intenção de permitir que lhe escorregasse por entre os dedos.

Em vez de prestar atenção ao reparo de Bo, Kitai intensificou o ritmo. Balançou os braços, e as pernas cortaram o ar como uma tesoura a uma velocidade ainda maior do que antes. Lenta mas inflexivelmente, deixou para trás o resto do grupo, afastando-se uns bons dez ou vinte metros do líder e dos que estavam mais próximos.

A linha de chegada ficava um quilómetro mais à frente, mas até poderia ter estado mesmo diante dele. Nunca abrandou, nem por um momento, com os pés a voarem sobre o terreno. Num momento, a meta estava à frente dele e, logo a seguir, já ficara para trás. Kitai bateu palmas de alegria, congratulando-se a si próprio, e depois voltou-se para ver os restantes cadetes Patrulheiros, a postos para receber os parabéns deles.

Mas, em vez disso, um a um e depois uns quantos em simultâneo, passaram por ele a correr. A sensação de vitória sentida ao cruzar a linha de chegada fora de alguma forma derrubada pelo facto de ninguém ter parecido minimamente desejoso de lhe dar reconhecimento. Bem, por certo que ninguém se dera ao trabalho de cronometrar o tempo que os cadetes Patrulheiros tinham levado a cobrir a distância, mas, ainda assim, não morreria ninguém só por lhe reconhecer o mérito pessoal, certo?

Aparentemente, sim. Bo mal se deu ao incómodo de olhar para ele e

depois limitou-se a revirar os olhos e a um breve aperto de mão, como se o feito de Kitai não tivesse significado.

Muito bem. Que assim seja. Kitai tentou não se deixar levar pela irritação. Certo, os outros cadetes até podem não ter ficado minimamente interessados em atribuir-lhe os louros pelo seu feito, mas de certeza que os oficiais Patrulheiros que assistiram ao longe teriam dado atenção. Eles, pelo menos, teriam compreendido: não bastava a Kitai passar simplesmente nos testes e ser nomeado Patrulheiro. Ele tinha de ser o melhor e eles sem dúvida sabiam porquê.

E o que interessava se os outros cadetes não dessem importância ao assunto? *Ele* dava. Os Patrulheiros que estavam a avaliá-lo também dariam. Afinal, era apenas com isso que teria de se importar.

Assim que os cadetes Patrulheiros dispuseram de uns minutos para se recomporem e recuperarem da corrida, os Instrutores Patrulheiros — IP, como eram conhecidos — voltaram a reuni-los para os levarem a um desfiladeiro a cerca de um quilómetro e meio de distância. Kitai reparou que uns quantos cadetes Patrulheiros estavam a manter breves conversas uns com os outros. Nenhum deles, contudo, pareceu minimamente interessado em conversar com *ele*.

Ok, muito bem. É assim que querem as coisas? Então, é assim que vamos fazer.

Ao aproximarem-se do desfiladeiro, Kitai conseguiu vislumbrar IP no alto. Tinham à frente deles dispositivos pequenos com diversos parâmetros que efetuavam leituras individuais de cada um dos Patrulheiros. Kitai sabia exatamente para o que serviam. Verificavam os níveis de medo, pois os Patrulheiros estavam prestes a ser atacados, por entre as voltas e reviravoltas do desfiladeiro lá em baixo. As leituras providenciariam dados precisos relativos às reações deles, um resultado global que seria chamado de registo de medo.

O medo era a coisa que os Patrulheiros deveriam saber derrotar. O medo era a fraqueza que poderia resultar na morte de um Patrulheiro. E todos sabiam porquê.

Porque as Ursas eram sensíveis ao medo das suas presas. Conseguiam cheirá-lo.

Nos últimos séculos, os skrel tinham lançado uma meia dúzia de diferentes gerações de Ursas para fazer frente à humanidade, e as encarnações mais recentes das criaturas eram as mais extraordinárias que os humanos alguma vez haviam defrontado. Eram monstros de seis patas, com enormes goelas peçadas de dentes, já para não referir a capacidade de se misturarem na perfeição com o ambiente envolvente, tornando-se praticamente invisíveis.

Mas era a capacidade delas de sentirem o cheiro das feromonas reveladoras de medo, nas quais se concentravam inabalavelmente, que as tornava nas mais mortíferas das criaturas.

Assim, não havia capacidade mais valiosa para um Patrulheiro do que o domínio do medo. Mais importante do que a perícia no manejo do alfange, mais importante do que quer que fosse. Por isso, Kitai estava determinado em empenhar-se com unhas e dentes naquela parte dos testes. Aquilo, mais do que qualquer outra coisa, iria determinar a sua eventual viabilidade enquanto Patrulheiro, e de maneira nenhuma poderia deitar tudo a perder.

Os Patrulheiros reuniram-se à entrada do vale. Alguns estavam a espreitar para cima para os IP que os iam monitorizar. Kitai não estava. Já os vira e guardara bem no fundo da sua mente esse conhecimento. A presença dos IP já não lhe importava. Só lhe interessavam os desafios com que iriam deparar-se no vale.

— Muito bem, cadetes — chamou um dos IP, que estava lá em baixo no vale com eles. — Peguem no vosso equipamento.

O conjunto de equipamento já havia sido preparado e constava apenas de dois artigos, que seriam suficientes para todos os cadetes: um capacete de proteção e um alfange de treino. Estes alfanges não mudavam de forma. Não havia lâminas no alfange; devia ser utilizado estritamente em treino de combate. Isso não implicava necessariamente que ninguém se magoasse, mas era muito mais difícil isso acontecer.

Kitai enfiou o capacete na cabeça. Ergueu a mão por uns instantes, fitando-a de um lado e de outro para se assegurar de que a sua visão não estava diminuída. *Parece estar tudo bem.*

Assim que todos os cadetes ficaram devidamente equipados, o IP que falara antes voltou a dirigir-lhes a palavra. — Cadetes... entrem no campo de combate! — Apontou diretamente para a entrada do terreno estreito encaixado entre as fachadas das escarpas.

— Sim, senhor! — gritaram em resposta os cadetes, e dirigiram-se de pronto para o desconhecido.

Se tivesse havido forma de os Patrulheiros terem lançado uma ou mais Ursas nos desfiladeiros sem que isso pudesse causar a morte a cadetes, de certeza que o teriam feito. Mas até os Patrulheiros tinham os seus limites e ninguém com capacidade de comando iria colocar cerca de três dezenas de cadetes a combater corpo a corpo com as mais eficazes máquinas assassinas de Nova Prime. Haveria desafios à espera de Kitai e dos outros, mas mais do tipo humano.

Kitai deu por si novamente no meio do grupo enquanto progrediam lentamente pelo vale. Isso, contudo, sucedera mais por opção sua do que

por outra coisa qualquer. O seu posicionamento implicava que os outros cadetes seriam os primeiros a serem atacados, proporcionando-lhe mais tempo para reagir. Olhou em volta como se a sua cabeça estivesse num suporte giratório, a tentar distinguir potenciais zonas perigosas em seu redor, certo de que os examinadores teriam pensado daquela vez em algo especial para os cadetes.

Ali!

Reagiu antes mesmo de ver claramente do que se tratava. Pelo canto do olho, vislumbrou um breve clarão luminoso. Poderia não ser nada, mas o mais provável era que fosse tudo.

— Esquerda, esquerda! — gritou ele, e avançou diretamente para o local onde vira o clarão de luz. *Já cá canta.*

— Cadete! — gritou Bo, visivelmente farto do comportamento de Kitai. — Regressa de imediato à formação!

Kitai não lhe prestou a mínima atenção. Em vez disso, atacou e outros afastaram-se rapidamente da frente dele.

Como veio a verificar-se, ele esteve certo em reagir daquela forma.

Um IP escondido atrás de um campo de invisibilidade alterou-o de modo a poder ser visto. Tinha o bastão erguido quando Kitai saltou pelo ar, com o seu próprio alfange a rodopiar.

Os dois bordões de treino embateram ruidosamente um no outro em pleno ar. O IP ficou espantado com o impacto quando Kitai saltou para a frente e lhe cravou um pé na barriga. O instrutor soltou um arquejo de espanto e dobrou-se para a frente, situação aproveitada por Kitai para o atingir com o bastão na parte de trás do pescoço. O IP caiu apoiado num joelho, o que só por si já foi um feito. Outro homem teria caído desamparado.

Kitai saltou por cima dele, rodopiou para trás e ficou em posição de lhe bater com o máximo de força possível com o seu alfange de treino.

E então deixou de o ver.

Por algum motivo que não conseguiu entender, Kitai de repente não conseguiu ver o que quer que fosse. Um ecrã deslizou horizontalmente em frente ao seu raio de visão, bloqueando-lhe a capacidade de ver a zona envolvente.

— Estou às escuras, estou às escuras! — gritou Kitai, e começou a deitar a mão ao fecho do capacete para o poder retirar da cabeça.

Antes de o conseguir fazer, o ecrã à frente dele recolheu-se. Assim, sem mais nem menos, ele conseguiu ver, e o que viu especificamente foi o IP extremamente irritado a lançar o seu corpo na direção dele. Antes de Kitai conseguir mover-se ou reagir, o IP empurrou-o para o fazer cair de costas, com Kitai a aterrar pesadamente no chão.

Todavia, levantou-se tão rapidamente quanto caiu. Recuperada a visão,

Kitai atacou o mais depressa que pôde. Lançou uma série de golpes rápidos sobre o capacete e tronco do IP. Mas, por muito rápido que fosse o ataque, perdia força quando comparado com aquilo de que era capaz um Patrulheiro devidamente treinado. O IP absorveu os golpes, permitindo a Kitai tentar a sua melhor bastonada. Então, a dada altura, ele agachou-se para trás e Kitai falhou o alvo. Antes de conseguir recuperar, o IP deslizou junto ao solo, varrendo as pernas de Kitai, que voltou a cair.

— Estás fora — informou-o o IP. — Estás fora.

O tanas é que estou.

Mais uma vez, começou a erguer-se a custo. Fê-lo com menos firmeza do que antes, mas ainda lhe restava uma boa dose de força e determinação.

Infelizmente para Kitai, o IP já esgotara a paciência.

Em resultado disso, antes de Kitai conseguir erguer-se de novo por completo, o IP lançou o seu pé para a frente e golpeou-o no queixo. Kitai soltou um gemido de espanto ao embater no solo pela terceira vez, e desta feita não se levantou. Não por não ter tentado; sem dúvida que tentou. Mas o IP, cansado de lutar com ele, assentou o pé no pescoço de Kitai. Ainda assim, Kitai não baixou os braços, e com as mãos começou a tatear à procura do pé.

— Tu! Estás! *Fora!* — O tom de voz do IP deixou bem vincado que se Kitai continuasse a dar-lhe luta, ele incrementaria a pressão do pé na garganta. Na melhor das hipóteses, isso impediria que Kitai respirasse. Na pior das hipóteses, e dependendo do estado de espírito do IP — que naquele momento não lhe pareceu lá muito generoso —, Kitai nunca mais conseguiria respirar na vida.

Para piorar as coisas, o resto da equipa juntara-se em volta deles, querendo a formação, curiosos com a interessante visão de Kitai a debater-se para respirar. Pela primeira vez, Kitai sentiu-se constrangido. Deixou de se debater e ergueu ambas as mãos em sinal de rendição.

Mesmo então, o IP estava nitidamente irritado com a agressividade de Kitai. Olhou em volta para o resto dos cadetes e disse, abruptamente:

— Vocês todos! *Fora!*

Assim, sem mais nem menos, o exercício terminara. Os outros cadetes dirigiram-se ao exercício seguinte, retirando os capacetes pelo caminho. Todos eles se descontraíram, conversando uns com os outros. Ninguém se deu ao incómodo de falar com Kitai ou sequer de o ajudar. Bo lançou-lhe um único olhar de irritação e depois abanou a cabeça.

Kitai sentou-se, esfregou a garganta e tossiu umas quantas vezes. Recuperou o fôlego ao erguer-se e depois seguiu os outros. Continuaram a ignorá-lo. Ele permaneceu convicto de que sentiam inveja da sua agressividade e determinação. Bem, não havia problema. O que interessava é que as

rapidamente do que ele achou que fosse possível. Dada a velocidade a que avançava, era-lhe difícil imaginar quem pudesse estar a alcançá-lo.

Olhou para baixo e sentiu efetivamente o coração a apertar-se no peito.

Tratava-se de Kitai. *Naturalmente*, só poderia ser Kitai. E o que era ainda mais assustador, estava a escalar apenas com as mãos e sem recurso a cordas. Ignorando o tombo que o esperaria caso não se conseguisse agarrar, Kitai praticamente corria pela encosta acima.

— Cadete — gritou-lhe Bo. — Prende-te a um arnês!

Kitai estava a aproximar-se dele. — Isso atrasa-me — ripostou ele.

Bo tentou redobrar os seus esforços, mas de nada valeu. Kitai passou por ele a grande velocidade. Aquilo não deixou de espantar Bo. Pouco antes, seguia na liderança; agora estava atrás de Kitai, que rapidamente lhe ganhava avanço. Mesmo se, em parte, não pretendia preocupar-se com aspetos como terminar em primeiro, aquilo estava a deixá-lo nervoso. A sua frustração intrínseca e o orgulho levaram-no a tentar acelerar a subida para assim poder passar de novo para a frente de Kitai.

Tal não aconteceu, e nem sequer lá esteve perto.

Em vez disso, ficou a ver.

Kitai chegara a um ponto junto ao topo do cume. Estava numa saliência de seis centímetros, bem lá perto, com uma face inclinada a mais de noventa graus para o vazio. Aquilo terá levado Kitai a hesitar. Ele estava, afinal de contas, a enfrentar o maior dos receios de um alpinista: o vazio. Por norma, um passo daqueles requeria, fosse a quem fosse, um longo momento de preparação.

Mas não a Kitai. Sem a mínima hesitação, balançou para fora, ficando suspenso cerca de duzentos metros acima da base do desfiladeiro. Sem impulso suficiente para completar o primeiro arco, balançou outra vez para trás e para a frente, e depois por uma terceira vez. À terceira, conseguiu, dando-lhe impulso suficiente para se lançar para cima e aterrar no alto do cume, de cabeça para baixo.

Endireitou-se e deu a volta rapidamente, para ficar devidamente posicionado no topo do cume. Deixou-se lá ficar de braços bem abertos e Bo conseguiu escutar algo ao longe. Levou uns momentos a perceber do que se tratava. Kitai gritava *aaaahhhh* como se uma grande plateia o estivesse a ver e a aplaudir as suas conquistas.

Oh, aquela bandidola, pensou Bo ao trepar o resto que ainda tinha pela frente.

Kitai estava ainda a imitar uma multidão entusiasmada quando Bo por fim se juntou a ele no cume. — Aquilo foi uma estupidez — referiu Bo, embora tivesse a certeza que Kitai não iria ligar minimamente ao que ele estava a dizer.

Mas ele revelou-se bastante polido. — Eles não dedicam estátuas a quem tem medo.

— Sim, mas dão muitas pedras tumulares a quem morre!

Kitai limitou-se a sorrir enquanto se prendia a uma corda suspensa futurista. Bo imaginou morbidamente se Kitai poderia, se mudasse de opinião, pura e simplesmente libertar-se da corda e lançar-se do alto do cume, assumindo que, de algum modo, flutuaria até lá abaixo nas ondas da sua própria grandiosidade.

Mas mais uma vez iria ficar desapontado, pois Kitai acabara de se prender à corda suspensa antes de saltar do cume. A corda retesou-se e Kitai partiu com um zumbido em direção ao solo, bem lá ao longe. Bo prendeu-se à corda e também saltou.

Ao descerem rumo ao solo, Bo não pôde deixar de reparar em todas as vistas de Nova Prime que se estendiam perante os seus olhos: estruturas giratórias no desfiladeiro, torres com moinhos de vento e moinhos de água aproveitando as energias respeitadoras do ambiente que Nova Prime lhes providenciava. Ao longe, havia naves prontas a descolar, dirigindo-se a um número infindável de destinos no sistema solar e para além dele.

Nada mau. Tendo em conta que chegámos aqui há séculos única e exclusivamente com o que trazíamos nas arcas, isto sem dúvida não é nada mau. Um excelente exemplo do engenho da humanidade.

Lá mais em baixo, ouviu Kitai a soltar um audível grito de guerra para celebrar tão-só a velocidade com que se dirigia ao solo.

O miúdo nunca presta atenção ao que se passa à volta dele e nem sequer se apercebe. Isto vai custar-lhe caro, muito caro.

Durante os restantes vinte minutos, os outros cadetes Patrulheiros, um a um, desceram deslizando pela corda suspensa. Foi o último esforço do dia e Bo sabia que no dia seguinte seriam divulgados os resultados. Sentia-se bastante confiante de que teria uma pontuação suficientemente elevada para seguir em frente. E depositava esperança em oitenta por cento dos outros cadetes.

Só não sabia o que pensar em relação a Kitai.

Enquanto os outros Patrulheiros se reuniam, Kitai nem sequer se esforçou por se aproximar de qualquer um deles. Deixou-se estar à parte, a fazer alongamentos e flexões. Bo limitou-se a abanar a cabeça. Não se recordava de alguma vez ter conhecido alguém como Kitai Raige. Aquilo levou-o a pensar se também o pai de Kitai fora assim quando tinha aquela idade. Esteve quase a perguntar, mas depois lembrou-se de que Kitai não era muito dado a falar do pai, a não ser em termos extremamente reverentes, pelo que ter uma conversa sincera sobre ele era algo que estaria fora de questão.

Kitai terminou as suas flexões e depois, sem se sentar, deixou-se cair para trás contra uma pequena formação rochosa. Tinha a respiração completamente descontrolada. Depois, com um sorriso forçado, saudou abruptamente Bo. — Desculpa lá o estardalhaço há pouco, quando passei por ti — disse, apontando na direção do cume. — Às vezes fico um pouco... — Encolheu os ombros, aparentemente sem conseguir encontrar a palavra apropriada para descrever o seu comportamento.

Obsessivo? Competitivo? Maluco?

Dado que nenhum dos termos que vieram à cabeça de Bo lhe pareceram melhores, ele limitou-se a encolher os ombros. — Não te preocupes com isso.

Kitai dobrou-se para a frente, pronto a voltar a falar dos testes. — Achas que toda a gente passou o RV?

O RV era o teste Reator Ventax concebido umas décadas antes pela Doutora Abigail Ventax. Detetava os graus de medo experimentados pelos seres humanos quando expostos a determinadas condições, tal como acontecia nos testes que os cadetes estavam a efetuar. Os futuros Patrulheiros tinham sido constante e escrupulosamente monitorizados.

— Toda a gente? — Bo resfolegou no gozo, só de pensar na ideia. — Se me perguntares se «alguém» passou, tenho a certeza que a resposta é não.

Kitai olhou surpreendido para Bo. — Espera. *Tu* não passaste?

Abanando a cabeça, Bo respondeu com visível ar de nojo e desconforto. — Aranhas.

Acontecera durante uma das perseguições a alta velocidade numa gruta. Tudo corraera bem até Bo ter investido contra aquilo que veio a revelar-se uma massa compacta de teias de aranha. Ele arfou, assustado, e acabou por inalar uma das teias. Depois, passou trinta segundos a tossir violentamente para a expelir dos pulmões.

— Odeio aranhas — admitiu ele, e, por coincidência, Kitai disse a mesma coisa exatamente no mesmo momento. Entreolharam-se, algo surpresos. E a seguir bateram com o cotovelo um no outro, em sinal de camaradagem. Era uma sensação estranha para Bo, e suspeitou que com Kitai se passava o mesmo.

Mas, enfim... aranhas. O que é que se há de fazer face a aranhas? — Que utilidade é que têm as aranhas? Qual é a função delas? — questionou Bo.

As arcas que transportaram a humanidade para Nova Prime também levaram amostras genéticas de todas as espécies da Terra. Não poderiam ter deixado de parte a família aracnídea?

— Não compreendo — comentou Bo, frustrado.

Kitai ia responder quando foram interpelados por uma voz feminina. — Ouvi dizer que capturaram uma Ursa.

Tanto Kitai como Bo reagiram de pronto, voltando a cabeça para trás. Fora Rayna quem falara com eles. À primeira vista, Rayna ainda parecia menos uma Patrulheira do que o próprio Kitai, tendo em conta que era meia cabeça mais baixa do que ele. Mas Rayna era extremamente inteligente e uma formidável lutadora corpo a corpo. Bo respeitava-a imenso, tal como Kitai. Quando ela de repente anunciou que havia sido capturada uma Ursa, naturalmente que captou de imediato toda a atenção deles.

Matar uma Ursa não era um acontecimento invulgar em Nova Prime. Não era tarefa fácil, de modo nenhum, mas acontecia umas quantas vezes. Capturar uma viva, contudo, era algo completamente diferente. Outros cadetes ouviram o que Rayna dissera e abeiraram-se dela para escutar o que tinha para contar.

Muita gente gritou: «Não pode ser!» ou «Estás a brincar!», ou ainda «Tens a certeza?»

Rayna limitou-se a assentir com a cabeça, de braços cruzados. — Tenho a certeza absoluta — garantiu. — Ouvi a comunicação através da banda de navegação. — Bateu com o dedo no aparelho de comunicações atado ao pulso. — Pessoal, vocês deviam prestar atenção a estas coisas.

— Quem foi? — perguntou Kitai. — Quem é que a apanhou?

— Quem é que achas que foi? Os fantasmas — respondeu.

Kitai assentiu com a cabeça, sentindo-se algo estúpido. Qualquer cadete deveria saber que, quando era avistada uma Ursa, pelo menos um fantasma era chamado para a abater.

Rayna prosseguiu:

— E vão levá-la para um lugar qualquer onde a poderão estudar.

— Fantasmas. Como o pai do Kit? — quis saber Bo.

— Talvez tenha sido ele, ou alguém como ele. Foi algures na selva. O teu pai anda algures pela selva, Kitai? — perguntou Rayna.

De repente, o silêncio desabou sobre eles. Esperaram todos pela resposta de Kitai.

Até pareceu que o extremamente confiante e sempre agressivo Kitai Raige de repente desapareceu. Em vez disso, e por uns momentos, pareceu ter perdido a noção de tudo, estava sem certezas. Depois, aclarou a garganta e, de um modo que pareceu demasiado fingido para ser genuíno, respondeu com um ar de espontaneidade forçada:

— Não tenho a certeza. Sei que amanhã regressa a casa. Depois, pergunto-lhe.

— Como é que é? — quis saber um dos Patrulheiros.

Kitai fitou-o, confuso. — Como é que é o quê?

— Tu sabes! Ter como pai o Fantasma Original!

— É fantástico — respondeu Kitai. — É um tipo altamente. Tudo nele é grandioso.

Os cadetes entreolharam-se e vários soltaram ruídos de admiração. Antes que o assunto pudesse ser desenvolvido, surgiu um dos IP, vindo do quartel-general improvisado que fora montado ali perto. — Amanhã, às onze horas no quartel-general dos Patrulheiros. Ser-vos-ão anunciados lá os resultados. — Foi tudo o que teve a dizer quanto ao assunto. Deu a volta e afastou-se.

Kitai aproveitou a oportunidade para se escapular dali. Rayna ainda o chamou, mas ele ignorou-a. O cadete Patrulheiro que antes não se conseguira calar abordando aquele tipo de assuntos, parecia agora extremamente empenhado em afastar-se o mais possível dos seus colegas cadetes.

Bo não conseguiu decidir-se entre achar isso divertido ou triste.

IV

Nessa noite, Kitai estendeu-se na cama suspensa do seu quarto, virando lentamente as páginas do seu livro.

O. Seu. Livro.

Era uma verdadeira raridade, aquele romance que ele possuía. Impresso no século XXI, muito antes de a Terra ser abandonada, tratava-se de uma história antiga sobre um homem obcecado com uma baleia chamada *Moby Dick*. Não tinham sido feitas muitas cópias do livro, e aquela edição rara passara de mão em mão ao longo de séculos, chegando ao seio da família Raige por intermédio de Senshi, onde permaneceu desde então. Kitai teve muita sorte em lhe deitar as mãos.

Já o andava a ler há algumas noites. Não se revelara uma missão fácil. Alguém lhe dissera que, quando terminasse a leitura do romance, saberia mais sobre a caça à baleia do que alguma vez precisaria de saber. Já com um terço do livro lido, chegou à conclusão de que essa opinião tinha toda a razão de ser.

Ouviu os passos da mãe, que se aproximava do quarto. Pareceu-lhe que caminhava penosamente, o que não surpreendeu minimamente Kitai. Pelo menos ele terminara o seu dia antes do final da tarde. Já no que respeitava à sua mãe, chegar a casa bem cedo era uma verdadeira raridade.

Pouco depois, a mãe apareceu e apresentou-se com um ar extrema-

mente fatigado. Tinha o casaco cheio de pó. O cansaço dela refletia-se no olhar, mas ela nitidamente pô-lo de parte de modo a conversar com o filho. — Olá, querido. Desculpa o atraso. Precisas...

— De comer alguma coisa? — Ele abanou a cabeça. — *Nã*. Já comi. Está tudo bem contigo?

— Hoje houve muitas contrariedades — disse ela, em jeito de explicação. — Tivemos uma série de elevações orográficas. — Fez uma pausa e depois desafiou-o com uma pergunta. — O que são elevações orográficas?

Kitai estava pronto para responder, pois não o estar simplesmente não era uma opção. — A pressão vertical do ar através de terrenos com determinadas particularidades, como as montanhas.

Ela assentiu em aprovação com a cabeça. — Muito bem. Um dia, quando deixares de andar por aí a correr e a bater em coisas, assumes o meu lugar e tomas conta da divisão de investigação de turbinas.

Ele sorriu sem vontade. — Claro, mãe.

Ela retribuiu o sorriso, pois ambos sabiam que a mãe não estava a falar a sério. Para Kitai, a sua carreira como Patrulheiro era um dado adquirido. Só restava saber daí a quanto tempo começaria. — Como é que correu o teste?

— Vou saber amanhã. — Ele manteve uma expressão impassível o máximo de tempo possível, mas depois formou-se um sorriso no seu rosto que não conseguiu dominar.

A mãe não pôde deixar de reparar. — Parece-me que estás confiante em relação ao modo como te desembaraçaste.

— É só que... será fantástico quando disser ao general que entrei no programa de Patrulheiros no dia do aniversário da Senshi. Vai ser fantástico, certo?

— Nem toda a gente entra à primeira no programa dos Patrulheiros.

— Sim, mas isso só acontece com os baldas — comentou Kitai, com desdém.

Ela sorriu ao ouvir aquilo. — Sim — disse ela, com uma certa firmeza. — Ele vai ficar feliz. — Naquele momento, reparou no livro na mão dele. — Quando é que começaste a ler isso?

— Estou a tentar acabar antes que o general chegue a casa.

Kitai assentiu com a cabeça, certo de que, se se tornasse Patrulheiro, isso só por si bastaria para fazer com que o pai aparecesse de imediato, ficando pelo menos por uns tempos. Deu uma palmada no livro. — Há frases sublinhadas. Isso significa que o general e a Senshi gostaram dessas partes?

— Não faço ideia.

— Talvez devesse memorizar uma delas. Achas que ele gostaria?

— Acho que só o facto de estares a ler o livro já o deixaria satisfeito.

— Vamos fazer um bolo? — perguntou ele de repente, mudando de assunto.

— Não vamos fazer um bolo, vamos apenas estar juntos. — Após uma pausa silenciosa, ela deu umas palmadas nas pernas, levantando um pouco de pó. — Vou tirar este pó todo. Estive o dia todo no cume.

— Mãe...?

Ela estava prestes a levantar-se, mas algo na voz dele a deteve. Prestou-lhe toda a atenção. Ele levou algum tempo a descobrir as palavras certas e, mesmo assim, a mãe de início não compreendeu bem o que ele pretendia.

— Como é que foi quando o pai se tornou o primeiro? Como é que ele conseguiu?

— O primeiro? — A princípio, ela ficou a olhar para ele, sem o compreender. Mas depois percebeu. — Oh, queres dizer...

— O primeiro fantasma, sim. Como é que ele conseguiu? Andei à procura mas não descobri nada. É tudo muito... vago.

— Como assim vago?

Ele lambeu os lábios, reordenando os seus pensamentos. — Bem... é que toda a gente sabe que as Ursas não têm olhos. Que nos descobrem através do olfato. E que o que elas cheiram é o nosso medo. É assim que funciona. Seguem-nos através do medo. Caçam-nos através do medo. Com elas, tem tudo a ver com medo. E os Patrulheiros vão para o terreno e fazem tudo o que podem para controlar o medo, mas é quase impossível.

»As Ursas são monstros e atiram-se a ti com tudo o que têm. E têm muito, seis patas, dentes, veneno paralisante... tudo. É praticamente impossível atacar uma sem se ter um pouco de medo, por mínimo que seja. Mas o pai conseguiu. Quero dizer... ele, tu sabes, conseguiu. Conseguiu-o quando nunca ninguém na História da humanidade o conseguira. E chamaram-lhe fantasma. O primeiro de sempre. Por isso, gostaria de saber como foi da primeira vez. Como é que ele conseguiu.

— Querido...

Ele percebeu que ela não o fitava. Em vez disso, pareceu mirar o vazio, como se a sua mente vagueasse bem longe dali. Kitai teve a esperança de que ela estivesse a reordenar as suas recordações relativas ao assunto.

Ela não falou durante um período surpreendentemente longo. Até que por fim perguntou:

— Já alguma vez experimentaste perguntar-lhe a ele?

— Sim. Ele... ah... — Kitai encolheu os ombros. — Ele limitou-se a encolher os ombros. E disse apenas que o medo era algo que podia ser dominado e que... tu sabes... conseguiu. Mas nunca entrou em mais pormenores além desses, e eu...

— Deixaste de perguntar.

— Sim.

Ela agitou-lhe o cabelo enquanto suspirava. — Ok, muito bem... também eu. Talvez um dia ele te conte.

Kitai assentiu com a cabeça, mas não disse mais nada. Não lhe pareceu haver grande interesse nisso. Se havia algo que Kitai aprendera após todo aquele tempo, era que tudo o que tinha a ver com o seu pai caía sempre no reino do «talvez» e «um dia». O problema residia no facto de Kitai não se conseguir decidir se queria estar presente quando o talvez e o um dia efetivamente se concretizassem.



1000 D.T. NOVA PRIME

O pai de Kitai ficou a olhar para ele. Simplesmente a olhar. Kitai aproveitou a oportunidade para ensaiar o seu modo de agir. Primeiro, deu-se ao luxo de mostrar um amplo sorriso, mas depois verificou que lhe dava um ar demasiado presunçoso, pelo que mudou para algo mais discreto. Depois disso, tentou uma expressão intermédia. Durante o tempo que durou o sorriso, experimentou diferentes expressões orais que foram desde «Sempre soube que ia conseguir» até ao «Acho que foram generosos», entre inúmeras outras frases. Durante todo esse tempo, o pai de Kitai manteve a sua expressão firme e inflexível.

— Raige! Despacha-te!

Assentiu com a cabeça sem se dirigir a ninguém em particular e voltou-se para Bo, que estava a gritar por ele junto aos elevadores. O pai dele permaneceu onde estava, o que não era minimamente de estranhar: não estava efetivamente ali. Tratava-se da sua imagem, um friso gravado na parede, onde marcava presença com seis outras pessoas. Eram, no seu conjunto, os sete fantasmas da história dos Patrulheiros. O seu pai, Cypher Raige, fora o primeiro, e com o tempo seis outros também desenvolveram a técnica de fantasma. Kitai pensou se também ele iria desenvolver tal capacidade. *Uma coisa de cada vez. Primeiro, trata de te tornares um Patrulheiro. Depois, tudo o resto chegará a seu tempo.*

Deixou para trás o seu pai gravado em pedra e juntou-se aos outros cadetes no elevador. Pouco depois, seguiam a caminho das entranhas do quartel-general dos Patrulheiros. Deu-se uma pequena discussão ou galhofa entre os cadetes. Todos eles estavam compreensivelmente envolvidos nos seus próprios pensamentos, que eram, por coincidência, todos exatamente iguais: *Será que consigo?*

Kitai olhou em redor para os que estavam junto dele. Todos pareciam

nervosos. Kitai tentou ocultar a todos a sua confiança. Só serviria para os irritar.

Uns minutos depois, o elevador deixou-os no seu destino: uma série de gabinetes no piso mais elevado do quartel-general. Quanto mais se subia, mais importantes eram os gabinetes. Diziam que a vista da cidade a partir daqueles pisos era espetacular e uma das regalias de ser líder.

Não havia bancos nem qualquer tipo de assentos na entrada do gabinete do Comandante Velan. Cabia a Velan supervisionar a transição dos cadetes para Patrulheiros, e era sua a palavra final sobre quem teria capacidades para dar esse salto. Kitai acreditava imenso nas capacidades de avaliação de Velan. Este tinha olho para detetar talentos e Kitai estava certo de que não sentira dificuldade em perceber as suas capacidades, apesar das tentativas dos outros para as minorizarem ou ocultarem.

Foram chamados três outros cadetes antes de Kitai. Ele permaneceu no seu lugar, encostando-se levemente à parede, para se apoiar. Ninguém abriu a boca, a não ser quando saía um cadete do gabinete de Velan. Naquele caso, os três que de lá saíram, um a um, fizeram-no com um alfange modelo C-10 na mão. Isso significava, naturalmente, que tinham sido aprovados, e todos foram saudados, sem grande alarido, pelos outros. Apertos de mão, palmadinhas nas costas. Kitai fez como os outros, dando-lhe as boas-vindas ao seio dos protetores planetários de Nova Prime. Era estranho, claro, porque as pessoas que lhes estavam a dar as boas-vindas tinham a esperança de serem igualmente brindadas com o mesmo tipo de cumprimento.

— Raige! — ouviu-se a voz cortante de Velan, proveniente do seu gabinete. Kitai prestou-lhe de imediato atenção, inspirando profundamente e expirando lentamente. Não havia dúvidas, na sua mente, de que iria sair de lá com o seu novo C-10, mas isso não significava que não pudesse ser humilde.

Entrou e a porta fechou-se atrás de si. Kitai manteve-se completamente atento, com o queixo erguido e apontado para a frente, os olhos nivelados pelos de Velan, sentado atrás da sua secretária. Velan estava a deitar uma olhadela a algum material holográfico que Kitai assumiu serem relatórios sobre a sua prestação da véspera.

— Os resultados dos seus testes são impressionantes — comentou Velan. — Tem espírito de Patrulheiro, disso não há dúvidas.

Foi difícil a Kitai conter-se para não sorrir abertamente. Não esperara menos do que aquilo e era bom que os Patrulheiros responsáveis pela avaliação tivessem reparado nisso. Era, na verdade, a única coisa que o preocupava: que tivessem ficado tão aborrecidos com a sua determinação e talento que tentassem arrasá-lo só por uma questão de animosidade. Percebeu que

não deveria ter pensado isso. Não era assim que os Patrulheiros funcionavam e teria de ter isso bem presente...

— ... mas este ano não vou aprová-lo.

Kitai sentiu como se de repente lhe tivessem retirado o chão de debaixo dos pés e estivesse a cair desamparadamente no vazio. As palavras atingiram-no, uma a uma, como se fossem pedras, com as três mais pesadas e dolorosas a serem *não, vou e aprová-lo*.

Como é que era possível? Quase pediu a Velan que repetisse — *quase*. Mas, de alguma forma, conseguiu deter-se a tempo.

Ficou tão espantado que nem se apercebeu da expressão de compaixão de Velan. No mundo de Kitai, não havia espaço para a compaixão. Tudo o que lhe interessava era atingir os seus objetivos e ali estava Velan calmamente a reduzi-los a pó.

Tudo o que pretendia da vida, em que o mais importante era fazer o seu pai feliz, recaía em tornar-se Patrulheiro. E ali estava Velan, calmamente sentado, como se não fosse nada com ele, a informá-lo de que não seria aprovado, depois de lhe dizer que daria um excelente Patrulheiro? Era uma loucura. Não fazia o mínimo sentido!

— Corre riscos desnecessários — prosseguiu Velan. Se estava consciente do choque tremendo que sentira e da raiva que o atormentava, foi algo que Kitai não logrou perceber. Na realidade, isso nem sequer teria importância. Velan tinha uma opinião, e ia expressá-la de modo bem claro. — Você é emocionalmente imprevisível. Calcula mal os riscos e confunde coragem com imprudência, o que, no fim de contas, é uma forma bem mais perigosa de ter medo. Pode, naturalmente, tentar de novo no próximo ano.

Tentar de novo no próximo ano?! Passar mais um ano da sua vida a frequentar as mesmas aulas, a efetuar os mesmos testes preliminares, para no final poder voltar a fracassar? Isso não faz sentido! É ridículo! Como é que...?

O turbilhão interior de Kitai não tinha, naturalmente, importância para Velan. Tendo transmitido a novidade que destruíra o dia de Kitai, e eventualmente toda a sua vida, o comandante limitou-se a dizer:

— Está dispensado.

Com um vago aceno de mão, afastou o ficheiro holográfico com as informações relativas a Kitai e passou ao seguinte, para o poder observar. Nem se deu ao trabalho de olhar de novo para Kitai. Descontraidamente, afastara para o lado as informações, os feitos e a vida de Kitai e passara ao cadete seguinte.

Velan olhou para cima e pestanejou, algo surpreendido, ao deparar-se com Kitai ainda ali parado, sem ter movido um músculo. Não se detetava raiva na expressão de Velan. Pareceu apenas vagamente confuso com o facto de Kitai ainda ali estar.

Debatendo-se intensamente para não hiperventilar, e só o conseguindo em parte, Kitai quase gritou ao dizer:

— *Meu senhor, peço permissão para me dirigir ao comandante!*

— Negado! — A sua resposta não tinha nada de condenatório, nem sequer o julgava. Ele era simplesmente um homem com muito que fazer e não viu razão para perder tempo com uma discussão inútil com um aspirante a Patrulheiro.

Foi como se Kitai nem sequer o tivesse ouvido. Como se Velan não lhe tivesse negado a possibilidade de falar porque quem, no seu perfeito juízo, o faria? Preparou-se para continuar a falar exatamente no mesmo tom que antes.

— *Meu senhor, sou dedicado, estudei e consistentemente mostrei empenho em tornar-me Patrulheiro, senhor. Peço que o comandante reconsidere a sua apreciação, meu senhor!*

Velan fitou-o completamente incrédulo. Desobedecer a uma ordem direta, o que Kitai fizera só por lhe dirigir a palavra, já lhe dava bases para fazer o que muito bem entendesse, incluindo bani-lo para sempre do programa de Patrulheiros. De uma assentada, Kitai estava a arriscar-se a arruinar todo o futuro pelo qual achou que estaria a lutar.

Velan suavizou ligeiramente a sua expressão. — Compreendo que seja como ver alguém a morrer. Sei o que isso faz às pessoas.

Kitai endireitou-se. Aquilo era o equivalente a Velan atingi-lo no rosto com um barrote. Apanhou-o em cheio e Velan conseguiu prosseguir sem ser interrompido.

— Sou amigo do seu pai há já muito tempo, Raige. Seu amigo, também, embora possa não ter a noção disso. Sei o que significou para ele a perda da filha, e para si e para a sua mãe. E sei que não demonstrou interesse em ser Patrulheiro antes de ela morrer. Está a tentar... não. Esqueça. — Fez uma pausa. — Não vou dizer-lhe o que você pensa porque isso já sabe. O que lhe vou dizer é isto: está a apressar as coisas para chegar a uma situação para a qual, na minha opinião, não se encontra emocionalmente preparado. Se lhe abrisse as portas para seguir em frente, seria catastrófico e os seus pais teriam de passar o resto da vida sem os filhos. Não vou fazer-lhes isto, e sem dúvida que não o vou fazer a si. Compreende?

Kitai fez o melhor que pôde para reprimir as suas lágrimas. Endireitou-se, debatendo-se para se controlar. Quando voltou a falar, teve de se esforçar para elaborar cada uma das frases. As suas palavras seriam irrelevantes face a uma decisão já tomada em relação à sua pretensão de ser um Patrulheiro. Isso ele sabia com toda a certeza. Contudo, foram as únicas palavras que lhe restaram e, além disso, as únicas que realmente lhe interessavam.

— Meu senhor — a sua voz pouco mais era do que um sussurro —, o

meu pai regressa esta noite a casa. Hoje é um dia especial para a nossa família. Ainda não o vi... e *tenho* de poder dizer-lhe que avancei para a Fase 2. Tenho de poder dizer-lhe que sou um Patrulheiro, senhor.

A expressão de Velan manteve-se completamente imóvel. Limitou-se a olhar para ele pelo que pareceu o momento mais demorado da vida de Kitai. Durante esses poucos segundos, pareceu a Kitai que tudo seria possível.

Estava enganado, como veio a verificar.

— Diga ao seu pai que eu disse «Bem-vindo a casa».

Kitai não conseguiu acreditar. Como é que Velan podia fazer-lhe aquilo? Admitira que Kitai tinha tudo o que era preciso para ser um Patrulheiro de alto nível. Poderia ter alguns problemas em controlar as emoções, mas... e depois? Se passasse para a Fase 2, de certeza que nessa altura algo poderia ser feito em relação a isso. Porquê privá-lo de seguir em frente? O que é que ele poderia...?

Velan uniu as sobrancelhas, e o seu olhar tornou-se sombrio. Estava nitidamente desagradado com a recusa de Kitai em aceitar a sua decisão e as suas palavras seguintes deixaram isso bem sublinhado. — As suas aulas sobre indisciplina começam neste preciso momento. Pode sair desta divisão com a dignidade e o decoro próprios de um cadete. Ou pode sair escoltado. A escolha é sua.

Por uma fração de segundo, Kitai pensou seriamente em optar pela segunda hipótese. Ser arrastado para o exterior enquanto pelo caminho ia denunciando aos berros o modo como estava a ser tratado...

Mas, nos seus pensamentos, não passou desse ponto. Se saísse efetivamente dessa forma do gabinete, arrastado por dois elementos dos Patrulheiros, seria inquestionavelmente o seu fim. Tudo o que toda a gente iria dizer durante o resto do dia, seria: «Já soubeste? O Kitai Raige foi arrastado, a espernear e a gritar, por não ter o que era preciso para ser aprovado. Que estúpido. Que idiota.» Seria o seu fim. Iria ficar com a reputação de tal maneira manchada que nunca iria conseguir verdadeiramente recuperar.

— Sim, senhor — foi tudo o que disse. A seguir, rodou sobre os calcanhares e saiu.

Apresentou-se na entrada exterior sob os olhares inquiridores dos restantes. Estes repararam então que não transportava nenhum C-10 e isso respondeu à primeira das questões. Antes que conseguissem colocar outras, ou dar-lhe apoio, ou quiçá regozijarem-se com o seu fracasso, Kitai atravessou o átrio e entrou num dos elevadores. A porta fechou-se e só quando deu por si a sós é que as lágrimas a custo contidas se libertaram da sua barragem mental e rolaram livremente pelas suas faces.



2065 D.C.
**SEDE DAS NAÇÕES UNIDAS,
MANHATTAN**

Era possível sentir o aumento gradual da tensão conforme Skyler Raige II se aproximava do trigésimo nono piso do edifício do secretariado, na zona leste de Manhattan. Pessoas que por norma, em Nova Iorque, já caminhavam depressa seguiam a um passo ainda mais acelerado, com os ombros encolhidos, ignorando toda a gente em redor. Os passos eram determinados, mas também denotavam medo.

Raige reparou na grande quantidade de montras de lojas entaipadas; algumas das que estavam abertas tinham listas afixadas com os artigos esgotados. O saneamento também parecia estar mais descuidado, conforme deu para perceber quando a brisa oriunda do rio espalhou detritos pelo ar. Sentia-se um cheiro desagradável e ele pestanejou umas quantas vezes para que a poeira não o cegasse.

O Patrulheiro não sabia ao certo por que razão fora chamado ao gabinete do secretário-geral das Nações Unidas, mas era um soldado e obedecia a ordens. A sua reunião estava marcada para as dez e trinta da manhã, e Raige, superorganizado como era, chegara umas horas antes proveniente da base do Corpo Unificado de Patrulheiros na Alemanha. Estava cansado e alimentado unicamente com três chávenas de café, mas havia suficiente adrenalina a bombar no sistema dele para o manter desperto para a conversa em que iria participar.

Nos últimos nove anos, servira como Patrulheiro, visitando partes do mundo sobre as quais apenas aprendera na escola, nunca tendo imaginado que iria a Argel, Sudão, Brazzaville, Portugal e Alemanha num único ano. O seu casaco começava a assemelhar-se a um guia *Michelin* e lamentou conseguir ver apenas as partes mais desgastadas dos países, que os guias de viagens tendiam a omitir. Ainda assim, apreciava experimentar as comidas locais sempre que dispunha de tempo; qualquer coisa era melhor do que as

rações de combate, que ingeria em viagem ou nas frentes de batalha onde era colocado.

Orgulhava-se da sua capacidade de adaptação, ajustando-se facilmente de uma cultura para outra. Raige deu por si a fazer amigos onde quer que se deslocasse, jogando incessantemente futebol ou hóquei com os miúdos que por norma se juntavam em redor dos Patrulheiros em missão, à espreita de algum dinheiro ou alimentos, ou de ambos. Em vez de os desapontar, partilhava as suas rações e jogava com eles, convencendo com falinhas mansas muitos outros para que se juntassem a eles, para equilibrar os lados.

Comandava homens e mulheres em batalha, o que normalmente consistia em reprimir rixas por causa de alimentos ou protestos contra governos que eram obrigados a encetar racionamentos, pois o planeta sofria em muitas — demasiadas — frentes a nível ecológico.

Agora, fora-lhe solicitado que reunisse com o secretário-geral. Quando recebeu a ordem na Alemanha, o seu oficial em comando votou-lhe um olhar inquiridor, parecendo invejá-lo, enquanto todos os outros começaram com ele na brincadeira por ter obtido uma viagem para casa.

As convocatórias preocupavam-no, mas afastou esse pensamento da cabeça e observou a decoração do local. Estava a precisar de uma pintura e de uma nova carpete. Na verdade, para um gabinete de tanto prestígio, estava bastante desgastado e a necessitar de uma remodelação completa. Ainda assim, havia preocupações bem mais importantes e o dinheiro era cada vez mais escasso, conforme os recursos eram despendidos no programa das arcas. O início da construção estava agendado para daí a uns meses e ele suspeitava que essa fora a razão da sua chamada ali: para discutir os procedimentos de segurança quando os trabalhos se iniciassem no Sara. De qualquer modo, ele não passava de um sargento: o que é que o tornava tão especial?

Um roliço assessor asiático apareceu vindo de detrás de uma porta e com um gesto indicou a Raige que se juntasse a ele.

— Takeo Sato — apresentou-se o homem, apertando rapidamente a mão a Raige. — Estamos ligeiramente atrasados, mas por favor acompanhe-me.

Raige entrou no amplo gabinete do secretário-geral, que estava a precisar de um restauro, tal como tudo o resto no edifício. Naturalmente, Constantine Lider tinha outras coisas com que se preocupar e impressionou Raige por ser o tipo de homem que não dava importância ao ambiente que o envolvia. Apreciara o esforço diligente de Lider para seguir as recomendações do Projeto Geração Seguinte, de modo a torná-lo uma realidade, impondo algumas das decisões mais impopulares entre as Nações Unidas. Naturalmente, tinha todo o poder do Conselho de Segurança na sua reta-

guarda e houve imensos braços de ferro e ameaças declaradas para embarcar toda a gente, inclusive os maiores patifes.

— Posso servir-lhe uma bebida. Um chá, talvez?

— Basta um copo de água, obrigado — disse Raige. Foi-lhe passada uma garrafa de água fresca, retirada de um minifrigorífico muito bem oculto, e com prazer saciou a sua sede. As temperaturas cada vez mais altas a nível global, aliadas ao ar saturado dos aviões, faziam com que andasse constantemente sedento. O líquido fresco soube-lhe tremendamente bem ao descer-lhe pela garganta e ajudou-o a restabelecer-se.

Antes de conseguir beber de golada a garrafa inteira, abriu-se uma porta lateral e Lider entrou em passos largos, já com a mão estendida para o cumprimentar. Ficara com o cabelo completamente grisalho desde que assumira o cargo e aparentemente perdera peso sem ter tratado de apertar os seus fatos, o que lhe dava um ar algo doentio. Parecia um homem a precisar desesperadamente de um fim de semana bem longe, embora não dispusesse de tempo para tal benesse. Afinal, havia um planeta a precisar de ser salvo. Ainda assim, o seu olhar refletia imensa vida e o seu sorriso era amplo.

— Muito prazer em conhecê-lo, sargento-mor — disse Lider, com o seu indisfarçável sotaque germânico.

— O prazer é todo meu — respondeu Raige, apertando a mão grande e reparando na força que ainda possuía.

— Como é que está a Alemanha?

— Praticamente como a deixou, meu senhor — respondeu Raige. — Estão inquietos mas reconhecem que as opções são cada vez mais limitadas.

— Quem me dera que fosse possível comunicar isso adequadamente aos menos cultos deste mundo. Há ainda mais de dois mil milhões de analfabetos e eles atuam unicamente ao sabor dos rumores e do boca a boca. Temo que seja essa a principal causa do pânico. Quem me dera que fosse possível fazer algo mais.

Com um gesto, Lider apontou para as cadeiras de costas direitas de aspeto confortável que rodeavam uma pequena mesa de reuniões em madeira clara. Por cima, estavam pousados *tablets* com mapas já ativados, destacando alguns locais na Europa. Raige sentou-se e voltou a pensar no que estaria ali a fazer.

— Sargento, a próxima década pode muito bem ser a última para todos nós na Terra — referiu Lider. O seu tom de voz alterou-se do amigável para o profundamente sério. — Estamos a reunir as provisões de que necessitamos para dar início ao maior projeto de construção alguma vez encetado. Tudo o que estamos presentemente a fazer é a uma escala sem precedentes. Em alguns casos, temos o material pronto, dado que pode ser reorientado

de um projeto para outro. Noutros casos, ainda estamos com meios escassos, e isso inclui os Patrulheiros.

Raige sabia que, quatro anos antes, Lider incrementara o recrutamento, para tentar atingir o limiar de um milhão de elementos o mais rapidamente possível. Ainda estavam longe desse número, mas praticamente todos os homens e mulheres com capacidades físicas para serem soldados estavam a ser cortejados para os Patrulheiros. A garantia de refeições regulares e de vestuário eram os únicos chamarizes de que alguns necessitavam, embora outros desejassem dinheiro vivo, recusando-se a acreditar que em breve ele perderia todo o seu valor. Mas Lider estava certo: os níveis de literacia e educacionais eram um entrave aos treinos enquanto eram improvisados cursos no sistema, o que abrandava a prontidão com que os elementos podiam ser destacados.

— Como é que estão as tropas?

— Não posso responder por todos, senhor, mas o meu pelotão na Alemanha está exausto. Temos sido regularmente destacados com intervalos que quase não chegam a setenta e duas horas para descansar e restaurar forças.

— O desgaste vai ser um problema?

— Penso que necessitamos de agendar mais períodos de descanso e de recuperação de forças para os homens — replicou Raige. Começou a pensar onde iria levar aquela conversa. As coisas estariam assim tão más que seriam forçados a testar os limites da resistência?

— Estão bem armados?

— A maior parte do nosso equipamento é apropriada para lidar com tumultos, ou seja, para bater com força. Felizmente, é raro necessitarmos de espingardas e munições.

— E como está a funcionar a nova espuma?

— Dá cabo das fardas, mas é muito boa para fazer abrandar os desordeiros — admitiu Raige. A espuma continha um sedativo moderado que era absorvido através da pele e ajudava a subjugar os atacantes. Embora de início a sua utilização tenha gerado controvérsia, era a forma mais humana de lidar com as pessoas quando a língua e as diferenças culturais inflamavam os problemas.

— É bom saber isso, embora duvide que o fiscal de contas públicas aprecie as contas de limpeza cada vez mais altas. — Disse aquilo com um sorriso. Estava a brincar, a tentar aliviar qualquer indício de tensão que pairasse no ar, mas pareceu tão cansado e desgastado quanto Raige. — A tendência é para que as coisas se tornem cada vez mais difíceis, sargento. Levámos este planeta aos limites. Só temos de aguentar até conseguirmos enviar alguns de nós para o espaço.

Raige tinha conhecimento de que o Projeto Geração Seguinte fora

criado anos antes para encontrar uma forma de preservar a vida para lá da Terra. Haviam encontrado um mundo a anos-luz de distância e estavam envolvidos numa corrida contra o tempo para construir as arcas, a derradeira esperança.

— Quantas acha que conseguirão ser feitas?

— Os atuais planos apontam para dez arcas com motores *Lightstream*, cada uma delas transportando 125.000 pessoas, além de peixes, pássaros, animais, plantas e mantimentos. Ou seja, um milhão e duzentas e cinquenta mil pessoas de um total de quase doze mil milhões.

Raige ficou espantado com o número reduzido, tendo em conta a grandeza do projeto. Sabia que não havia forma de salvar toda a gente, mas aquele número, pela primeira vez na sua vida, soou-lhe tristemente escasso.

— A sua família não é estranha a estes motores, pois não? — questionou Lider, aceitando o chá que Sato lhe trouxe. Sem perguntar, Sato passou a Raige uma segunda garrafa de água e depois desapareceu de vista.

— Não, senhor. O meu tetravô participou no projeto, no início — explicou Raige.

Lider assentiu com a cabeça e perguntou:

— Até que ponto conhece o trabalho dele?

— Em pequenos, a todos nós foi contado que ele era cientista num local na Rússia onde aparentemente se terá despenhado uma nave espacial — esclareceu, consciente do quanto aquilo soou bizarro.

— Incomoda-o a perspectiva de haver provas de vida além da Terra?

— Eu acredito na Bíblia, senhor, mas também aceito que o universo é efetivamente demasiado grande para que sejamos os únicos a habitá-lo.

Lider assentiu com a cabeça, sorvendo o seu chá e saboreando aquele momento de tranquilidade. — É bom saber.

— Thomas Raige, o filho de Viktor, veio para cá e aparentemente terá iniciado uma dinastia — prosseguiu Lider, sorrindo levemente. — Você teve tias, tios, primos, todos sucessivamente envolvidos no projeto LST. Agora, está na fila para dar seguimento a esse legado.

Raige assentiu afirmativamente. Ele tinha noção de que Viktor Radoslaw era na época um cientista e que o seu filho, Thomas, que passou a chamar-se Raige quando imigrou para os Estados Unidos, deu seguimento às suas investigações. Faziam parte de uma equipa, que jurou segredo em relação às descobertas sobre vidas alienígenas. Era um assunto discutido apenas entre os mais velhos da família, e enquanto nas outras famílias se celebravam crismas ou *bar mitzvahs* para assinalar rituais de passagem, aos elementos da extensa família Raige era confiada esta verdade assombrosa. Sabia vagamente dos diversos Raige que ou tinham ajudado a proteger o segredo ou tinham analisado os segredos extraterrestres.

— Na verdade, o seu próprio pai pilotou para a NASA alguns dos vavéns experimentais antes de se tornar piloto comercial — continuou Lider. Raige ficou impressionado por um homem com a mente tão ocupada conseguir evocar tantos pormenores sem um relatório prévio de preparação. Isso disse-lhe muito quanto à seriedade daquela conversa. O secretário-geral não teria esmiuçado a sua vida e o seu passado se não fosse por algo bastante importante.

— A irmã dele, a tia Sarah, esteve em tempos à frente da segurança nacional e defendeu com unhas e dentes o Projeto Lightstream, acarinhando-o tanto por ser um tesouro familiar como por ser um tesouro nacional — acrescentou Lider, com um pequeno sorriso. — Afinal, a tecnologia *Lightstream* passara a ser um bem comum e global tendo em conta a quantidade de pessoas que em diferentes países contribuíram para o seu desenvolvimento desde a sua descoberta em 1908.

Lider prosseguiu o seu interrogatório. — Diga-me lá então: se sabia tudo quanto ao legado, por que razão seguiu a carreira militar?

— Para dizer a verdade, senhor, não nasci com essa aptidão para a ciência. Não posso sentar-me num laboratório a fazer investigação, e, se é para sermos honestos, também não sou dado a grandes alturas — explicou Raige.

— Pelo que evita voar — comentou Lider, assentindo com a cabeça. — Por isso, decidi alistar-se para correr o mundo.

— Foi mais para tentar salvá-lo — esclareceu Raige. — Naturalmente, assim que concluí a parte teórica, fui enviado para os Patrulheiros.

— É verdade. Na altura, estávamos numa busca incessante por novos recrutas promissores e agora olhe para si, passaram nove anos e tem um posto e um registo impressionantes — disse o secretário-geral com um orgulho paternal. — A promoção no terreno, em Portugal, por exemplo. Fale-me disso.

— É óbvio que já leu o relatório, senhor. Um grupo extremista estava a ameaçar um porto com mantimentos para combater a fome em Marrocos. Tinham armadilhado os navios e o porto e interferido com as frequências de rádio. Enquanto negociávamos a libertação das tripulações, fui enviado com uma equipa para libertar o porto. Quando o meu oficial em comando foi abatido, comecei a distribuir ordens e conseguimos reapossar-nos do porto. A seguir, enviei mergulhadores para o mar para desarmar os navios.

— Entretanto, as negociações prosseguiram — referiu Lider.

— Os políticos conseguem conversar o tempo que quiserem e nós aproveitámos a pausa.

— Houve mortes?

— Do meu lado, apenas o oficial em comando, o sargento Conway. Do lado deles, duas dúzias.

— Um trabalho impressionante.

— Obrigado, senhor — disse Raige, de repente sentindo-se impaciente, desejando que terminassem as perguntas e que Lider fosse direto ao assunto.

— Tem a esperança de ser colocado numa arca e deixar este mundo para trás?

Então era aquele o assunto, um posto na arca? Não podia ser; o secretário-geral tinha mais que fazer para estar a tratar de tais assuntos.

— Seria agradável, mas não sou ninguém especial, apenas um soldado a tentar dar o seu melhor — disse Raige.

— Parece humilde, mas vem de uma linhagem que não o justifica. Na realidade, foi a sua linhagem que me despertou a atenção. Serve os Patrulheiros e o mundo, mas aqui também estão em jogo coisas mais pessoais. Deseja que o *Lightstream* funcione e nos salve a todos, certo?

— Bem, que salve o máximo possível de pessoas, isso é certo — respondeu.

— Tem um conjunto incrível de credenciais e relatórios brilhantes assinados pelo general Rodgers, pelo coronel Mishkin e pelo senador McCluskey. Vi gravações suas no desempenho das suas funções e estudei o seu ficheiro durante dias — admitiu Lider.

Aquilo não surpreendeu propriamente Raige, mas atiçou a sua curiosidade e deixou-o inquieto. Já estava sentado há demasiado tempo.

— Tudo o que fazemos na ONU, no Projeto Geração Seguinte e com os Patrulheiros, tem de funcionar a diversos níveis. Temos de fazer avançar as coisas, proteger o projeto para salvar a humanidade de si própria e temos de enviar um fluxo constante de sinais de que temos verdadeiramente em conta o bem geral. Em suma, temos de tomar as opções mais sábias, ignorando todas as velhas regras e protocolos. Sinceramente, o mais provável é que eu seja o último secretário-geral e não tenho de me preocupar com legados ou reeleições. Posso agir livremente e fazer isso de imediato.

Lider levantou-se e Raige imitou-o.

— Skyler, pretendo transformar o Corpo Unificado de Patrulheiros numa estrutura completamente independente, que não tenha de responder perante ninguém. O objetivo principal continua a ser a preservação da humanidade. O objetivo dessa missão não será alterado até a derradeira arca deixar a órbita da Terra. Todas elas transportarão Patrulheiros para manter a paz durante o próximo século, até que as arcas cheguem a Nova Prime. Daqui para a frente, é preciso um rosto em quem o povo confie. Precisa

igualmente de um líder. Criei o posto de Comandante Supremo e gostaria que aceitasse esta missão.

Raige deixou descair o queixo. As suas pernas tremeram e agarrou-se aos braços da cadeira para se aguentar firme. Comandante Supremo era um título poderoso. Mas ele tinha apenas vinte e nove anos; como é que poderia comandar uma operação global, liderando em combate pessoas com o dobro da sua idade? De certeza que teria de haver outros oficiais mais experientes e qualificados.

— Meu senhor?

— Os Raige tomaram conta da tecnologia *Lighstream* durante mais de um século e é necessário um Raige para assegurar que pode fazer aquilo que rezamos que faça. Preciso de um rosto forte, jovem e, como é o seu caso, atraente para liderar os Patrulheiros. Temos de projetar confiança na possibilidade de um futuro, por isso vamos passar à frente umas quantas gerações de oficiais veteranos. Tem sido pedido aos Patrulheiros que desempenhem algumas tarefas complicadas e agora vai ser-lhes solicitado que façam algumas coisas quase impraticáveis durante os próximos anos. Isso implica que os Patrulheiros irão proteger as pessoas selecionadas para deixar a Terra, assim como aqueles que ficarão destinados a ter uma morte bastante horrível. Isso implica proteger as naves de transporte dos trabalhadores que sabem estar a construir um meio de transporte para outros. Este cargo não lhe dá nenhuma garantia de que será colocado numa das arcas. Sei que é pedir demasiado a um jovem, mas, acredite em mim, não foi uma escolha precipitada.

A mente de Raige ficou baralhada com receios, preocupações, planos, esperanças e uma certa elação face ao reconhecimento das suas capacidades. Os seus pais e familiares iriam ficar deleitados, pois sempre desejaram que fizesse parte do «negócio da família», e ali estava ele, com a missão de o proteger.

— Obrigado, meu senhor. Onde ficará sediado o Corpo? Como deve ser estabelecida a estrutura de comando sem a supervisão da ONU?

— Perguntas pertinentes — comentou Lider, com um brilho no seu olhar fatigado. — Isso significa que aceita?

— É uma honra tremenda. E uma grande responsabilidade. Mas como é que posso recusar um pedido do secretário-geral, que fala em nome de todo o mundo?

— Vou assumir isso como um sim — disse Lider, estendendo a mão.

Raige hesitou por momentos, com a enormidade do momento seguinte a apoderar-se de toda a sua mente. Tinha o coração a bater intensamente e debateu-se para se controlar. Finalmente, a mão cruzou a curta distância e selou o acordo. Entrara ali como sargento-mor e estava prestes a sair na

condição de comandante, ou melhor, Comandante Supremo, posto até então inexistente.

— O Sato acompanha-o à porta ao lado para verificar a agenda. Vamos anunciar hoje às oito da noite a sua promoção e tomará posse às 12h01 de amanhã. Irá verificar que ele foi extremamente minucioso e deixou meia hora livre para poder telefonar aos seus pais.

Efetivamente tinham pensado em tudo. A sua aceitação do cargo era inevitável e se tivesse dito não, teria sido mantido na sala até obterem uma resposta positiva.

Raige saiu do gabinete com a cabeça a fervilhar de ideias, dúvidas, preocupações e um entusiasmo crescente. Havia uma série de possibilidades e dispunha de poucos anos pela frente para moldar os Patrulheiros para os próximos tempos, ou mais. Nitidamente, essas oportunidades implicariam que os seus últimos anos na Terra seriam bons, produtivos.

Assim que Raige saiu do gabinete, Lider foi interpelado por uma pessoa que estivera no gabinete ao lado. Era notório que estivera a escutar a conversa às escondidas e não ocultava a sua fúria. O homem, corado, era cerca de quatro centímetros mais alto do que Lider e tinha um porte imponente, dominando a divisão. Usava um fato caro e tinha os sapatos a brilhar intensamente; nitidamente preocupava-se mais com a sua aparência do que o seu superior. Kincaid era um dos seus conselheiros em termos de segurança e, embora Lider soubesse que o homem discordava da sua escolha, estava agora a medir o pulso ao *quanto* estava irritado.

— Seu louco!

— Isso não é forma de se dirigir ao seu chefe — referiu Lider, deixando-se cair pesadamente na sua cadeira, cedendo a Kincaid o controlo da situação. O homem era adepto de gestos amplos, de falar com as mãos e de fazer caretas quando não podia abrir a boca. Começou então a extravasar tudo e Lider preparou-se para aguentar a arenga.

— É um puto inexperiente! — salientou Kincaid, bem alto.

— Tivemos isso em conta. O registo dele é exemplar, com mais ações do que aqueles que têm o dobro dos anos de serviço — recordou-lhe Lider.

— Como se isso fosse ter alguma importância nos próximos meses! Estamos prestes a ir direitinhos para o inferno e precisamos de uma mão experiente no comando da operação — alegou Kincaid, com a voz apenas ligeiramente abaixo do tom de um berro.

— Pelo menos concordamos na necessidade de cortar os laços entre as instituições — disse Lider, desejando receber uma chamada de qualquer líder mundial, nem que fosse Kim, da Coreia do Norte. — O Comandante Supremo tanto trata de logística como de relações públicas. É jovem, bem-parecido e um herói de guerra. Vai projetar a imagem de confiança

de que necessitamos para continuarmos a vender ao mundo a ideia de que esta é a melhor forma de agir. Vai ficar rodeado por pessoas experientes, mas precisa de ser o rosto público.

Kincaid expirou de frustração.

— Damian, você foi derrotado na votação. E agora está a tentar minar o meu território. Achei que seria capaz de fazer melhor do que isto. O Skyler Raige tem tudo aquilo que desejamos e necessitamos para desempenhar o papel. Ele é aquilo que o Conselho de Segurança pretendia quando eu disse que estava na altura de os Patrulheiros se tornarem independentes. Tem uma presença vigorosa e poderosa. Demonstrou um talento natural para compreender as pessoas, o que faz dele um líder de eleição. Mais do que isso, será uma força apaziguadora quando toda a gente, você incluído, estiver a gritar a plenos pulmões.

Lider dissera algo semelhante uns dias antes quando teve lugar a votação final e Kincaid fora um dos que se mantivera intransigente na defesa de que era necessário alguém com mais experiência. Mas, tal como o próprio Kincaid referira, todos haviam optado por seguir para um território desconhecido. Experiência ou uma idade superior não eram efetivamente uma unidade de medida.

— Criámos os Patrulheiros em 2052 quando se tornou evidente que necessitávamos de uma força global. Treinamo-los durante menos de quinze anos. Quem é que efetivamente poderia ter mais de nove anos de experiência e de serviços nos Patrulheiros? Desafiei-o a dar-me uma lista alternativa de nomes com qualificações mas não encontrou ninguém mais apropriado. Porque é que está assim tanto contra ele?

Kincaid deu a volta, apontando o dedo a Lider. — Porque, dado que enfrentamos a aniquilação, gostaria que depositássemos total confiança na nossa liderança. Ele ainda nem sequer tem trinta anos e está prestes a confiar-lhe o comando do maior exército deste mundo desde o Império Romano.

— Deixe-me lembrar-lhe uma coisa, Damian, Alexandre tinha cerca de trinta anos quando liderou grande parte do mundo civilizado — recordou Lider. — Não se prenda tanto à idade esquecendo a personalidade do homem. Ele já provou o seu valor.

— É isso que vai dizer aos generais quando tiverem de bater continência a um miúdo?

— Se eles conseguirem arranjar tempo para um encontro nesta sala, sim, será isso que lhes direi.

— Não posso tolerar o desrespeito que está a demonstrar face à ordem natural das coisas — disse Kincaid.

Lider já aguentara o bastante. Levantou-se e, do alto, olhou fixamente

para o homem mais jovem e encorpado. — A ordem natural já foi desfeita há décadas. Estamos a fazer todos os esforços para preservar uma minúscula porção deste mundo e precisamos de toda a gente a bordo, a caminhar na mesma direção, todos a puxar para o mesmo lado. Agarra-se às suas ideias preconcebidas, mas eu preciso de seguir em frente e não perder mais tempo neste mundo a tentar reformular decisões já tomadas pelo comité.

»Ou apoia Raige ou o melhor é sair do caminho.

Kincaid deixou cuidadosamente aquilo assentar por um segundo. — Muito bem, eu afasto-me. Enquanto você estiver ocupado a tentar «vender» o miúdo, estarei a tratar da minha demissão, a dizer aos *media* que desperdiçou a melhor hipótese dos Patrulheiros de fazerem acontecer um milagre.

Com isso, o homem saiu intempestivamente do gabinete, levando com ele toda a raiva reprimida.

Lider afundou-se na sua cadeira, constatando que não iria ter saudades de Kincaid. Ele era competente, sem dúvida, mas não era muito bom a jogar em equipa. O que aparentemente escapara ao seu antigo funcionário fora que, na mente de Lider, Raige era a última hipótese da Terra para se manter nobre.